



Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
FaBCI (Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação)

Aldenira da Costa SOUZA

Daniela de Oliveira CORREIA

**SÃO PAULO: DA METRÓPOLE FRAGMENTADA À SOMBRA DA GRANDE
EXCLUSÃO**

São Paulo

2015



Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação
Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo
FaBCI (Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação)

Aldenira da Costa SOUZA

Daniela de Oliveira CORREIA

**SÃO PAULO: DA METRÓPOLE FRAGMENTADA À SOMBRA DA GRANDE
EXCLUSÃO**

Trabalho temático interdisciplinar baseado na obra *Eles eram muitos cavalos* de Luiz Ruffato, apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

2015

Aldenira da Costa SOUZA

Daniela de Oliveira CORREIA

SÃO PAULO: DA METRÓPOLE FRAGMENTADA À SOMBRA DA GRANDE
EXCLUSÃO

Trabalho Temático interdisciplinar baseado na obra *“Eles eram muitos cavalos”* de Luiz Ruffato, apresentado para avaliação dos docentes da grade curricular, do 2º semestre, do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

BANCA EXAMINADORA

Adriana Maria de Souza (Mestre em Ciência da Informação)

Assinatura: _____

Adriana Thomé Yázigi Abrão (Doutora em Educação)

Assinatura: _____

Daniele Cristina Gonçalves Brene (Mestranda em Ciência da Informação)

Assinatura: _____

José Mário de Oliveira Mendes (Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem)

Assinatura: _____

Ivan Russef (Livre Docente em Educação)

Assinatura: _____

Maria Rosa Crespo (Especialista em Psicopedagogia)

Assinatura: _____

Maria das Mercês Pereira Apostolo (Especialista em Educação)

Assinatura: _____

Willian Vella Nozaki (Doutorando em Desenvolvimento Econômico)

Assinatura: _____

Data de aprovação/...../.....

*Pois de que vive o homem? Tão- somente
De Maltratar, morder, matar como um animal
insano,
E tendo se esquecido inteiramente
De que ele próprio é um ser humano.
(BRECHT apud GEREMEK, 1995).*

RESUMO

A obra *Eles eram muito cavalos* de Luiz Ruffato, publicada inicialmente em 2001, apresenta uma narrativa distinta da tradicional, voltada à representação do trivial, da violência, do abandono do ser humano no contexto metropolitano de São Paulo. O autor, através de fragmentos mínimos, busca representar o gigantesco caos metropolitano, incorporando-o dentro das páginas da sua obra através de diversas formas discursivas, tais como: cartas, memórias, diários, manuscritos, tratados e ensaios. Assim, este trabalho apresenta um estudo em que adotamos como foco privilegiado de análise a reflexão que Luiz Ruffato suscita a respeito da desumanização da sociedade moderna paulista. Traçamos nosso estudo a partir da temática “São Paulo: da metrópole fragmentada à sombra da grande exclusão”, embasada em estudiosos como Bauman (1998; 2004; 2008), Simmel (1987; 1998), Dumont (1985) e Elias (1994), os quais contribuíram consideravelmente para o entendimento de como a modernidade e o sistema capitalista influenciaram na formação de uma sociedade individualizada, excludente e fragmentada.

Palavras-chave: Individualização. Modernidade. Exclusão. Desigualdade Social. São Paulo. Indivíduos.

ABSTRACT

The book "Eles eram muitos cavalos", by Luiz Ruffato, initially published in 2001, features distinctive traditional narrative, focused on the representation of the trivial, violence and the abandonment of human beings in the metropolitan context of São Paulo. The author, through minimum fragments, seeks to represent the gigantic metropolitan chaos, incorporating it within the pages of his work through various forms of discursive such as: letters, memoirs, diaries, manuscripts, treatises and essays. This work presents a study in which we have adopted as a privileged focus of analysis the reflection that Luiz Ruffato raises about the dehumanization of the modern society of São Paulo. We draw our study from the theme " São Paulo: da metrópole fragmentada à sombra da grande exclusão", based on scholars as Bauman (1998; 2004; 2008), Simmel (1987; 1998), Dumont (1985) and Elias (1994), who contributed in a considerably way to the understanding of how modernity and the capitalist system influenced the formation of an individual, exclusive and fragmented society.

Keywords: Criticism. Individualization. Exclusion. São Paulo.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	SÃO PAULO É O LÁ FORA? É O AQUI DENTRO? A REPRESENTAÇÃO DA METRÓPOLE INDIVIDUALIZADA E FRAGMENTADA.....	11
2.1	A narrativa caótica e estilhaçada de “Eles eram muitos cavalos”.....	13
2.2	A teoria social contemporânea e o objetivismo realista Ruffatiano.....	14
3	DA INDIVIDUALIDADE A INDIVIDUALIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-SOCIOLÓGICA DO INDIVÍDUO MODERNO.....	22
3.1	Os indivíduos anônimos da cidade paulista.....	28
3.2	O homem como uma ilha: a fragmentação das relações sociais.....	33
4	CALEIDOSCÓPIO DAS DIFERENÇAS.....	40
5	CIDADE INVÍSIVEL: A BANALIZAÇÃO DA VIDA.....	48
5.1	O grito dos excluídos.....	54
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS.....	59

1 INTRODUÇÃO

Saudado pela crítica como um dos mais importantes livros da ficção brasileira contemporânea, com publicações na Argentina, França, Itália e Portugal, *Eles eram muitos cavalos* (cujo título é escrito em letras minúsculas), publicado em 2001, é o primeiro romance do escritor mineiro Luiz Ruffato.

Ao lermos esta obra podemos afirmar que *Eles eram muitos cavalos* é um romance contemporâneo por excelência. Na tradição literária brasileira, pode ser inscrito no rol de romances produzidos pela Geração de 1970, encabeçados por *A Festa*, de Ivan Ângelo; *Zero*, de Loyola Brandão; e *Essa Terra*, de Antônio Torres. Estes romances podem ser reunidos em torno de uma mesma técnica narrativa: a do discurso simultâneo e polifônico. Inspirado nestes precursores, o texto de Ruffato (2013) parece compor uma espécie de sinfonia, na qual se pode ouvir o som das muitas e diferentes vozes dos milhões de habitantes da maior aglomeração urbana brasileira. (KONZEN, 2013, p. 09)

Tendo como enredo principal a descrição da vida conturbada na capital paulista, esta obra foge dos modelos de narrativas tradicionais. Visto que, não há um fio condutor ou linearidade entre as várias histórias apresentadas. O contexto da obra é formado por 70 fragmentos com sentido independentes e aparentemente dissociante dos demais, ora tem a aparência de contos, ora de poesia, ora de prosa poética. Ruffato (2013) brinca com a língua e com os estilos de escrita, utilizando-se de classificados de jornais, horóscopos, textos não lineares, palavras e construções frasais próprias da linguagem oral, pontuação (ou a falta dela), cartas, cardápios, diálogos.

Contudo, essas mini narrativas formam um todo – que pode ser entendido como a vida caótica de São Paulo – mas, ao mesmo tempo, valem isoladamente, semelhante aos diversos indivíduos que tem sua vida entrelaçada, mesmo que não queiram, aos demais que o cercam, cada um com sua força, construindo a própria imagem. Logo, misturados anonimamente à multidão, essas personagens agem e reagem aos influxos e tensões da agitada vida cotidiana moderna urbana, no ritmo pulsante de uma das maiores cidades do mundo. Como células desse complexo

organismo que é a metrópole, movimentam-se incessantemente, imperceptíveis na totalidade do conjunto.

Nesse sentido, “cavalos” representaria uma metáfora, um recurso estilístico literário usado para representar as pessoas de São Paulo. Em uma cidade tão grande, as identidades se perdem na vastidão de pessoas, as vidas não são menos ou mais importantes no meio de tantas outras.

Dai surge à questão do estranhamento inicial da classificação da obra como romance, pois foge aos padrões formais esperados pela média dos leitores e talvez, a principal característica, que já ficou evidente pelos trechos apresentados, é a estética diferenciada, o que o torna um livro moderno, pela forma, e contemporâneo, pelo conteúdo. Um exemplo claríssimo desta estética são as páginas 147 e 148, que são quase totalmente preenchidas por um único retângulo negro. Dessa forma, é preciso considerar que o resultado da reunião desses contos é muito maior do que a mera justaposição de todos eles. Trata-se de obra panorâmica, em que a simultaneidade da vida coletiva num amplo espaço geográfico é mais importante do que o pormenor da figura individual. Seus personagens são peças que constituem o personagem maior, a cidade.

Contudo, Ruffato (2013) por meio dos temas recorrentes na narrativa de “*Eles eram muitos cavalos*”, como os dramas da banalidade do cotidiano, os fragmentos da vida, a marginalidade, o anonimato, a desumanização que constitui a vida da classe operaria, a grande massa social que configura a metrópole paulista; trás a tona uma crítica sutil a essa sociedade individualizada, fragmentada por um sistema capitalista desestruturado, um mercado de trabalho competitivo e excludente, o qual exige um esforço sub-humano dos sujeitos da metrópole. Resultando na degradação das relações sociais, pois tal sistema econômico torna o homem um ser individualizado, frio e isolado em relação aos que estão ao seu redor, na sua busca frenética por liberdade, segurança e estabilidade financeira. No final, o que temos é um grande mosaico de São Paulo, com suas diferenças escancaradas para os leitores.

Nesse sentido, nosso estudo traz como temática “São Paulo: da metrópole fragmentada à sombra da grande exclusão”.

Propomo-nos analisar como Luiz Ruffato através da obra “*Eles eram muitos cavalos*” tece sua crítica social a individualização excludente da sociedade paulista. Espaço em que os indivíduos tornam-se anônimos, insignificantes diante da grande massa. Esquecido pelas políticas públicas escravos do mercado competitivo do trabalho e por vezes desumanos para com o próximo.

Considerando o fato de “*Eles eram muitos cavalos*” tratar-se de uma obra de ficção, de caráter complexo devido suas várias interpretações possíveis, tivemos como ponto de partida a indagação acerca de como a modernidade afetou profundamente as relações sociais e favoreceu o surgimento de um indivíduo introspectivo e da individualização da sociedade ocidental.

Logo, para um melhor entendimento acerca do contexto do romance, a fundamentação lógica esta embasada em uma pesquisa bibliográfica envolvendo diversos autores que discorreram sobre a obra aqui estudada como, SANDRINI (2007), DEBORTOLI (2011), GAZOLA (2014) como também sobre a temática trabalhada WALTY (2007), SILVA (2008), dentre outros.

Assim, em respaldo ao que foi apresentado acerca do corpo dessa pesquisa, no capítulo 1, **São Paulo é o lá fora? é o aqui dentro? A cidade, os indivíduos e seus contrastes sociais**, analisaremos a representação da cidade de São Paulo presente na obra.

Já no capítulo dois, **Da individualidade a individualização: uma abordagem histórico-sociológica do indivíduo moderno** abordaremos os conceitos de indivíduo, individualidade e individualização, apresentaremos também algumas características dos indivíduos presentes na obra e contextualizaremos com a dinâmica da cidade, como também, enfatizaremos como a individualização moderna torna as relações afetivas e sociais fragmentadas.

No capítulo quatro, intitulado **Caleidoscópio das diferenças**, apresenta-se o conceito de desigualdade tendo como principal consequência a exclusão social, algumas definições trazida por diferentes autores e sobre como ela permeia a obra de Ruffato (2013) em sua integridade, exemplificando através de alguns fragmentos tendo como pilares dessa desestruturação a Educação e o Mercado de Trabalho.

E no último capítulo com título **Cidade invisível: a banalização da vida** tratar-se-á acerca das consequências advindas das relações de exclusão social, partindo da Sociedade do descarte para a naturalização das desigualdades, tendo seu ápice na desumanização e formação da cidade invisível, finalizando com o subcapítulo O grito dos excluídos, revelando uma massa disforme, que se encontra segregada pela elite dominante, ambas confinadas a um mesmo espaço com oportunidades de vida diferentes.

2 SÃO PAULO É O LÁ FORA? É O AQUI DENTRO? A REPRESENTAÇÃO DA METRÓPOLE INDIVIDUALIZADA E FRAGMENTADA

Na obra “*Eles eram muitos cavalos*” (EEMC) de Luiz Ruffato temos a descrição de um dia na cidade de São Paulo. A partir de uma narrativa fragmentada - uma analogia às várias e complexas camadas sociais; e uma linguagem disjunta, repleta de enumerações e recursos estilísticos os quais processam a correria da maior metrópole da América do Sul. Ruffato (2013) mostra-nos outra face da capital paulista, aquela que não existe glamour: a metrópole individualizada e fragmentada.

Assim, aos poucos os fragmentos de “*Eles eram muitos cavalos*” constroem a cidade espetáculo a partir de sua principal característica: a diversidade. Como podemos perceber no fragmento **45. Vista parcial da cidade**, no qual temos uma parte dessa urbe impossível de ser representada em sua totalidade. Aqui como bem apontou Damasceno (2012, p. 17), o texto revela que a metrópole paulista “é esse lugar ilegível, não transparente, desconfortável e sem paz, o lugar estabelecido de estruturação de opacidades, de comunicações difíceis e distorcido, de solidão, de dissolução, de indiferença e de invisibilidade”.

No fragmento supracitado, temos dentro do ônibus uma senhora idosa, assustada com o trânsito caótico da cidade, que se lembra da vida no campo. A adolescente, de tão cansada, não percebe que “migalhas de seus sonhos esparramam-se sobre os ombros da velha” (EEM, 2013, p. 82). O homem, em pé, cochila e desperta e cochila e desperta e sempre, à mente, as contas a pagar. É um vigilante em constante vigília, num estado intermediário entre estar acordado e sonhar. Lá fora,

carros e carros mendigos vendedores meninos meninas carros e carros assaltantes ladrões prostitutas traficantes carros e carros mais um dia terça-feira fim de semana longe as luzes dos postes dos carros dos painéis eletrônicos dos ônibus e tudo tem a cor cansada e os corpos mais cansados mais cansados a batata das minhas pernas dói minha cabeça dói e (EEMC, 2013 p.82)

Em meio a esse caos urbano surge no texto uma indagação **São Paulo é o lá fora? é o aqui dentro?** (ibidem, p.82). A resposta para essa questão é uma incógnita devido à complexidade dessa modelo de civilização ocidental criada pelo capitalismo moderno. Na verdade, o que sabemos realmente é o que encontramos nessa metrópole massificadora: sujeitos em meio a pior das solidões: a invisibilidade junto aos outros, a indiferença e a insignificância na absoluta dissolução na massificação humana. Resta o cansaço, o mal-estar, a perda de sentido e de humanidade ao final do dia no corpo orgânico artificial e opressor. É nesse imaginário do espaço urbano como lugar de dissolução do sujeito e de toda a humanidade que nele possa existir que se materializa “personagens cindidos, com tons variados de estranhamento, em relação a si mesmos e à sociedade urbana em que vivem, onde circulam quase como estrangeiros, como exilados, alheios a seu próprio cotidiano”. (DAMASCENO, 2012, apud LIMA, 2000, p.13).

É nesse complexo contexto social que Ruffato (2013) monta um mosaico de vozes silenciosas, cujo único elo possível é o fio constituído pela divisão do mesmo de tempo, 9 de maio de 2000 e do espaço: a cidade de São Paulo do século XXI. Esta é única personagem onipresente, que interage com as outras em seus inúmeros dramas, infelicidades e pequenas tragédias urbanas:

1. Cabeçalho

São Paulo, 9 de maio de 2000. Terça-feira. (RUFFATO, 2013, p. 11).

Até mesmo o título do romance apresenta um aspecto importante para representação da metrópole paulista: *Eles Eram Muitos Cavalos* é um verso transcrito de um dos mais importantes livro de Cecília Meireles, o **Romanceiro da Inconfidência** (1972), o qual também é citado na epígrafe do livro – “eles eram muito cavalos, mas ninguém mais sabe os seus nomes, sua pelagem, sua origem...”.

A escolha está muito longe de ser ocasional, a metonímia no poema ceciliano sofre uma rotação para tornar-se metáfora, na qual os “cavalos” seriam todos os indivíduos formadores da grande classe operaria de São Paulo: desde o que vai trabalhar de ônibus ao que vai de helicóptero, pois todos estão subordinados a algo ou alguém, a busca por trabalho e melhores condições de vida; mas muitas vezes

encontram apenas a miséria, o desalento e a desgraça. Resultando na despersonalização, ocorrência comum nos grandes centros urbanos: o indivíduo se transforma em “multidão”.

Porém, antes mesmo do começo propriamente dito do romance, temos a epígrafe que o abre extraída da Bíblia. Trata-se do Salmo 82, que pergunta: —*Até quando julgareis injustamente, sustentando a causa dos ímpios?*. Aqui a ficção estabelece um diálogo com o texto bíblico para dar início ao trabalho do autor-criador de focar seu olhar sempre na causa dos —fracos, dos —pobres, dos —necessitados, conforme se vê em outros versículos do mesmo salmo que se refere à injustiça e à parcialidade dos juízes. Nele, Deus adverte as autoridades para que olhem por essa gente não os deixando à mercê dos ímpios:

Fazei justiça ao fraco e ao órfão, procedei retamente para com o aflito e o desamparado. Socorrei o fraco e o necessitado; tirai-o das mãos dos ímpios. Eles nada sabem, nem entendem; vagueiam em trevas; vacilam todos os fundamentos da terra. (v.3-5)

Nesse sentido, Sandrini (2007, p. 173-174) observa que a partir das epígrafes, entendemos que o romance de Ruffato (2013) será uma voz de alerta contra as iniquidades sociais e buscará falar em nome dos que sofrem por causa das injustiças. Ao mesmo tempo, a obra também nos alerta que para serem mitigados os reveses vividos por nossa sociedade só mesmo recorrendo a uma força não humana, uma força divina, pois o ser humano, na figura das autoridades (aqui os governantes, os políticos de modo geral, os empresários etc. — todos eles autoridades), já teria a muito se eximido de olhar pelo próximo. Então, o autor-criador se coloca mesmo nesse papel de olhar pelo outro e ao solidarizar-se com essas personagens que sofrem em decorrência de um sistema social predatório do humano, o autor-criador as enxerga — por estarem quase todas numa condição de vida semelhante.

2.1 A narrativa caótica e estilhaçada de eles eram muito cavalos

Como podemos observar a linguagem empregada por Luiz Ruffato assumi um aspecto relevante na obra. Esta desempenha um papel fundamental na construção da narrativa, cuidadosamente trabalhada na intenção de montar um painel social de uma cidade que abriga e exclui ao mesmo tempo.

A leitura é rápida, por conta de certos efeitos criados no texto (suspensões, elipses, repetições de palavras, ausência de pontuação, etc.), reproduzindo o ritmo do mundo contemporâneo, mas há também o diálogo com cinema, momentos líricos, uso de gêneros não literários (anúncios, horóscopo, listas, cardápio, etc.). Ruffato (2013) faz uma representação da cidade em *zooms*, em curtas narrativas individuais, em pequenos pedaços de realidade que, juntos, expressam a vida urbana. Mostrando dessa maneira a diversidade e a degradação do espaço citadino - “À esquerda, salpicam os degraus da catedral desempregados, bêbados, mendigos, drogados, meninos cheirando cola, fumando *crack*, batedores de carteira, batedores de celular, batedores de cabeça, aposentados, velhacos” (EEMC, 2013, p. 57); juntamente com uma crítica à urbanidade mecânica e veloz em contraposição com a apatia e a solidão da personagem: “e se implantará o silêncio onde agora regem abafados carros e ônibus e caminhões de gás e vendedores de frutas de verduras de pamonhas e moleques jogam futebol no asfalto quente e bebês choram em alguma janela” (EEMC, 2013, p. 72).

Ao analisarmos a estrutura formal e temática de E.E.M.C. é perceptível que o autor sai do lugar-comum, abandona as formas convencionais do gênero romanesco e produz mini narrativas inusitadas, recortadas, mas extremamente coesivas nos seus objetivos. Ficção e realidade se misturam: a forma de ser e ver a vida passa por consideráveis mudanças, essa nova geração não se identifica com antigos valores.

2.2 A teoria social contemporânea e o objetivismo realista Ruffatiano

Conforme afirma Silva e Librelon (2012, apud SCHOLLHAMMER, 2007), sobre a questão urbana no romance Ruffatiano:

não é bastante afirmar que o romance “*Eles eram muitos cavalos*” descreve a vida marginal nas ruas de São Paulo (...). Tematicamente, o romance é comprometido com a realidade social do Brasil contemporâneo e inscreve-se na tradição de narrativa urbana, que ocupa uma posição central na literatura brasileira a partir da década de 1960, privilegiando histórias de pessoas comuns em seus encontros com o medo, a violência, o crime, a miséria, mas também com sonhos e expectativas de moradores da capital paulista (SILVA E LIBRELON apud SCHOLLHAMMER, 2007, p. 69).

Alguns dos aspectos que influenciaram essa nova configuração da vida urbana foram tratados por um dos filósofos mais significativos da modernidade, W. Benjamin. Inspirado pelo pensamento marxista, Benjamin (1936) discorre que o pensamento contemporâneo aborda como peculiaridade fundamental a singularidade individual, essa ideologia será a base de organização do mundo moderno ocidental capitalista. Por isso, nossa sociedade ao contrário de todas as outras, é uma sociedade de indivíduos.

Como o sociólogo Marx Weber já havia apontado em “A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, o que organiza o mundo capitalista são as ideias de liberdade e racionalização do indivíduo. Na busca por sua identidade, ansioso por mudar seu lugar na sociedade, ele precisará de um fator primordial: dinheiro. Portanto, indivíduo, razão e liberdade só podem ser exercidos plenamente no espaço do mercado, porque é onde conseguimos organizar a tentativa de acumulação de poder (capital).

Fica evidente a partir do que foi apontado por Weber (2004), que passamos a ter como centro da vida, a economia. Dai o fato de o trabalho ser o elemento central desse mundo, pois para ter capital precisamos acumular/poupar poder. Mas, o mercado só pode funcionar quantificando as coisas, serviços/valores, pois a lógica da quantificação domina a lógica da qualificação, por isso, segundo Weber (2004), é

preciso seguir a lógica do mercado, a qual traz embutida dentro de si uma informação subliminar: todos esses indivíduos devem utilizar sua razão e liberdade com o objetivo de maximizar os ganhos e minimizar as perdas.

Diante desse contexto social urbano teremos então um problema constitutivo, considerando que por definição os indivíduos são os seres que dentro de uma estrutura social, podem construir sua própria identidade, sua particularidade: como é que os seres que se ocupam da tentativa de construir sua própria identidade podem se organizar e compor uma sociedade com alguma coesão, que permita que esses indivíduos tenham interação/ solidariedade entre si?

Essa busca pela própria identidade por parte dos indivíduos em uma sociedade em que se valoriza cada vez mais o ter ao invés do ser vai gerar, de acordo com a teoria social contemporânea, um paradoxo. Ao mesmo tempo em que o sujeito ganhou mobilidade em uma sociedade que era totalmente hierarquizada, estagmentada; e agora tem a possibilidade de criar condições para ascender socialmente; vive-se também em um processo intenso de racionalização, de desmagificação, que leva ao desencantamento do mundo. Desencantamento no sentido de que vivíamos num mundo marcado pela mitologia, magia e passamos a viver num mundo engendrado pela racionalização dos processos sociais.

Ruffato (2013) em sua composição contemporânea vai dialogar com o que foi discutido por Benjamim (1936) e Weber (2004) através representação da metrópole paulista, por meio a um jogo narrativo ambíguo, em que as vozes sociais misturam-se em segmentos sociais diferentes.

Dessa maneira, aparecendo como protagonista na narrativa, a cidade referida por Ruffato (2011, p. 39-40) como “[...] a barra cinza do horizonte, podre o ar”, representa metaforicamente a diversidade, a contradição, o esfacelamento do mundo contemporâneo. O texto aglomera com densidade e rebuscamento vários problemas que afligem o espírito do homem dentro desse espaço. Dessa maneira, o ser e o espaço projetam-se dilacerados pelas relações sociais que ali se instalam. Sentindo-se só entre muitos, as personagens tornam-se solitários corpos despedaçados, sem sonho, sem amparo.

O fragmento **36. LEIA O SALMO 38**, ilustra esse isolamento social produzido pela tensão da vida na metrópole. O texto bíblico, aqui na obra transcrito apenas até o sétimo verso, é deslocado de sua função primeira de evangelização, e imperativamente se recomenda a leitura do salmo como função de simpatia ou de corrente para se alcançar alguma graça: “durante três dias seguidos três vezes ao dia faça dois pedidos difíceis e um impossível anuncie no terceiro dia observe o que acontecerá no quarto dia” (EEMC, 2013, p. 65); mas se por acaso lermos o referido salmo integralmente perceberemos que o salmo trata basicamente de abandono, solidão... “Tornam-se infectas e purulentas as minhas chagas” por causa da minha loucura (v. 5) “Os meus amigos e companheiros afastam-se da minha praga; e os meus parentes ficam de longe.” (v.11).

Assim, os aspectos negativos da vida marginal urbana vão sendo contemplados na obra em um conjunto de narrativas curtas, aproximadamente setenta fragmentos. Como podemos observar no fragmento **40, Onde estávamos há cem anos?** Em que engravatado Henrique, dentro de seu Honda Civic —estalando de novo, janelas cerradas, cidadela irresgatável, observa o mundo lá fora:

Meninos esfarrapados, imundos, escorrem água nos para-brisas dos carros, limpam-nos com um pequeno rodo, estendem as mãozinhas esmoleres, giletes escondidas entre os dedos, arranjos de estiletos em buquê de flores, cacos de vidro em mangas de camisa. Meninas esfarrapadas, imundas, carregam bebês alugados esfarrapados, imundos, dependurados nas escadeiras, inocentes, coxas à mostra, cabelos presos em sonhos vaporosos. Mocinhas vestidas de torcida-organizada-de-futebol-americano espalham folders de lançamentos imobiliários. Rapazes encorpados vestidos de jogador-de-time-de-basquete-americano exibem revólveres sob um outdoor São Paulo – Miami Non Stop, que encobre um pequeno prédio abandonado, onde gatos e crianças remelentos dormem ignorando a tarde que se oferece lúbrica (RUFFATO, 2013, p. 81).

Ou no tom sombrio do capítulo **35. Tudo acaba** em que a personagem apaticamente, em seu quarto, observa a ruína à sua volta. Melancólico em meio à balbúrdia dos ruídos e dos objetos, —Luciano decúbito ventral, sente-se só, sem forças para lutar já que —”daqui a alguns milhares de anos a terra sucumbirá numa hecatombe e deixará de girar fria e inerte/ e o sol consumirá a bola que devora o próprio estômago/ para quê se tudo acaba” (Ibidem, p. 63-64).

Ele parece querer nos dizer que se no tempo presente a vida das personagens é acometida pela degradação, pela violência, pelo isolamento humano (a personagem Luciano conectada à TV, solitária num apartamento decadente) não há perspectivas de um futuro melhor. “Um futuro negro, em que tudo será ruína, material e humana. O ser humano, nela, exaurido, violentado, violentando —o sujeito no farol se assusta / atira / e o cara sangrando sobre o volante o carro ligado.” (Ibidem, p. 64).

Quando refletimos acerca desses fatores sociais, notamos uma espécie de estrutura trágica do que é a moderna sociedade, os indivíduos perderam o lugar de centralidade no espaço social para a mercadoria, dessa forma, não são protagonistas dos processos sociais, são coadjuvantes e sendo coadjuvantes não conseguem enxergar ao seu redor. Situação semelhante é possível ser notada na obra “*Eles eram muitos cavalos*”. Ruffato (2013) representa por meio de sua escrita literária esse mal-estar contemporâneo já evidenciado anteriormente por Benjamin (1936), Weber (2004) e que para o sociólogo Sigmund Bauman é nominado por **Tempos Líquidos**, onde “os vínculos humanos são confortavelmente frouxos, mas, por isso mesmo, precários, e é tão difícil praticar a solidariedade quanto compreender seus benefícios, e mais ainda suas virtudes morais”. (BAUMAN, 2007, p.30).

Dessa forma, o romance ruffatiano é uma obra realista em um sentido que difere muito do que temos em mente quando pensamos em romance realista do século XIX. Não se trata de um romance folhetinesco. Ao contrário, de acordo com Silva e Librelon (2012, p.7), o objetivismo do realismo ruffatiano parece ter buscado representar uma parcela da população pouco presente na história da literatura brasileira, revelando de maneira fria os dramas do cotidiano, os fragmentos da vida, a marginalidade, indivíduos anônimos, quase sempre sem nome, em tom de denúncia social:

“*Eles eram muitos cavalos*” (...) é um belo exemplo das novas veredas abertas pelo escritor brasileiro quando se trata de aliar ficção e crítica social. Há personagens de todas as classes sociais, não apenas das baixas, colocados sempre em situações extremas – esmagados pela fome, pela opressão ou pela solidão –, e há, em cada um dos mini contos que vão compondo o romance, um tom marcante de denúncia, mas esta é vazada não na linguagem direta e descuidada de muitos de seus antecessores” (SILVA; LIBRELON, 2006 apud CARNEIRO, 2005, p. 70).

Em relação a esse aspecto, Sandrini (2007) apresenta o discurso de Luiz Ruffato sobre a idealização, o recorte proposto em sua obra, em entrevista concedida à revista *Et Cetera literatura e arte*:

—A minha tentativa é a de criar uma linguagem que consiga descrever uma realidade que pouco ou nada aparece na literatura brasileira, a da classe média baixa (ou do trabalhador urbano). Provavelmente, seja por esse motivo que a cidade de São Paulo sob a ótica de Ruffato, traça para o leitor um retrato que se faz e refaz pela multiplicação de cenas e fatos distintos, cada um com sua história. Os personagens não se conhecem, portanto, não realizam interações e movimentos entre si, demonstrando dessa forma, sua fragilidade em relação a cidade: distante e individualista. (SANDRINI, 2007, p.131 apud *ET CETERA*)

Tal evidência se confirma ao analisarmos o histórico da cidade. Notamos que São Paulo finalizou século XIX, com aproximadamente 270 mil habitantes; entre 1920 e 2000 esse número aumentou em até 5 (cinco) vezes deixando para trás sua fase essencialmente rural para ser um centro industrializado, com uma perspectiva crescente de empregos. Gazola (apud 2014, FREITAG, 2006) afirma que na segunda metade do século XX temos um novo modelo econômico nas cidades latino-americanas, estas passaram a ser centros de expansão e atração de mão de obra livre.

Os trabalhadores do campo passaram a procurar melhores empregos e condições de vida nas metrópoles (bens de consumo, saúde, escola para os filhos...) essa força de atração foi intensificada pelo dismantelamento das antigas estruturas agrárias e de poder (coronelismo), facilitado pela introdução de novas tecnologias de produção no campo. É durante essa vigência desse modelo econômico que acontecem as grandes ondas migratórias que contribuem para a grande inchação das capitais e dos centros industriais da América latina, produzindo a marginalização, a pauperização e a exclusão de grandes contingentes da população que chega a cidade na expectativa de melhorias de vida, sem que as cidades estivessem equipadas para oferecer empregos, moradia, escola, transportes [...] (GAZOLA apud FREITAG, 2006, p.168-169).

Contudo, o que temos hoje, resultado em parte, da situação descrita anteriormente, é uma cidade com mais de 10 milhões de habitantes, um projeto malfadado de modernização, um contexto paradoxal de exclusão social. Efeitos negativos do sistema capitalista e da industrialização que podem ser observados na organização fragmentada da paisagem urbana. Enquanto, que alguns progrediram, uma multidão vive à margem. São Paulo ao mesmo tempo em que acolhe as pessoas, também as joga em seu “mundo cão”, em que a violência, a pobreza e a falta de perspectivas promovem a luta pela sobrevivência.

Então, esse romance de Ruffato (2013) publicado no início de 2001, responde a um tempo em que a cidade de São Paulo tornou-se uma colcha de retalhos ainda mais extensa e intrincada, em que classes sociais, as mais diversas, formam um conjunto multifacetado, de peças antagônicas.

Segundo Debortoli (apud SANT’ANNA, 2007) em sua dissertação de mestrado ***A (des)construção narrativa como forma de representação da sociedade do espetáculo***,

Luiz Ruffato fez um corte de vinte e quatro horas na mesma [...] aproximando sua câmera em zoom, foi capaz de capturar uma amostragem exemplar dos seres no espaço, em suas ansiedades, angústias, dores e prazeres; os paulistanos e forasteiros, desde os ricos e opressores até os mais abandonados pela sorte ou pelo mundo dos homens. Amor, morte, sexo, conflito, vício, ternura, crueldade, está tudo aí. Todos os personagens se apresentam esmagados pelo peso da vida e por isso mesmo correm em círculos a procura de espaço ou identidade. (DEBORTOLI, 2011, p. 43 apud SANT’ANNA, 2007)

Assim, como na maioria dos outros fragmentos, o romance nos mostra, sobretudo a precariedade da vida na grande cidade, as mazelas que acompanham os dia a dia dos indivíduos, expostas pelas más condições de moradia, de transporte, alimentação. Aspectos esses que fazem parte daquele conjunto necessidades básicas que inclui também educação, saúde, lazer, vestuário, higiene e previdência social. Não à toa o fragmento **3. Hagiologia**, traz a biografia de Santa Catarina de Bolonha, que —Dedicou sua vida à assistência aos necessitados.

Assim, a narrativa de Ruffato (2013) registra o discurso da sociedade imediatista, o abandono da causalidade, a abertura para o incerto e a intensificação da visualidade. Conforme afirmou Sandrini (2007), dentre as personagens destacam-se as populações das periferias das cidades que vivem em condições animais, invisíveis ao poder público e não economiza palavras para chocar seu leitor, causando-lhe grande desconforto. Mundo constantemente matizado pelos reveses socioeconômicos, pela precariedade nas relações humanas e pela precariedade da vida na mega cidade. Há um denominador comum nessas situações todas como já salientamos antes: o homem que vive mal em decorrência, principalmente, dos aspectos socioeconômicos.

3. DA INDIVIDUALIDADE À INDIVIDUALIZAÇÃO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-SOCIOLÓGICA DO INDIVÍDUO MODERNO

Ao refletirmos a respeito do atual contexto em que a sociedade ocidental moderna se encontra, percebemos o quanto é indiscutível a ênfase na valorização da autonomia individual, a busca frenética pela satisfação dos mais sublimes e por menores prazeres pessoais. A preocupação com os anseios da sociedade em geral é ignorada pelo meio social e a valoração é voltada para o indivíduo em si.

Essa nova configuração cria o espaço para a exacerbação de uma postura individualista apontando o “eu” como princípio e fim de todas as coisas. A partir dessa perspectiva, presenciemos ações que revelam relações sociais voláteis, fluidas, frágeis. Dessa forma, efeitos nefastos produzidos pela falsa ideologia capitalista ancorada e sustentada pelo projeto da modernidade, cuja promessa maior centra-se na libertação do sujeito, que até então, estava atrelado antes às tradições.

Sendo assim, a partir de tudo que foi exposto anteriormente, neste capítulo nos propomos apresentar sinteticamente uma descrição do individualismo como ideologia própria da Modernidade, considerando o fato que foi nesse período que houve um destaque para a noção de indivíduo autônomo na tentativa de libertação dos laços tradicionais.

Parte-se do pressuposto que a nossa sociedade ocidental moderna toma o indivíduo como valor supremo e como unidade moral autônoma, enfatizando fortemente aspectos como a liberdade de escolha, a realização pessoal, a obtenção de sensações prazerosas e a possibilidade de viver sem depender do outro. No entanto, reside uma grave contradição nesse contexto, pois a ênfase em valores como a liberdade e a responsabilidade individuais não coincidem com a realidade, com a realização destes valores.

Teremos como prisma os pensamentos de Simmel (1987) e Dumont (1985), por considerarmos que as teorias da personalidade individual formuladas em ambos apresentam argumentos que contribuiriam de maneira relevante para a compreensão do pensamento social moderno. Entretanto, também nos apoiaremos nos estudos realizados por Norbert Elias e Sigmund Bauman.

É importante destacar que o período contemporâneo, que se inicia da década de 1960 até os dias atuais, recebe diversas designações, tais como “Modernidade Tardia” (HALL, 2003), “Modernidade Avançada” e “Segunda Modernidade” (SINGLY, 2003), “Modernidade Líquida” (BAUMAN, 2004) e Pós-modernidade (LIPOVETSKY, 1983; GIDDENS, 1991; KUMAR, 1997; CHAVES, 2004).

Neste trabalho, adotaremos o termo MODERNIDADE definida por Bauman (2004), o qual a distingue em dois períodos: a Modernidade Sólida e a Modernidade Líquida. A Modernidade Sólida refere-se ao período no qual o individualismo descrito por Dumont (2000) seria a marca principal. Bauman (2004, p. 20) aponta que este período seria “a época, ou o estilo de vida, em que a colocação em ordem depende do desmantelamento da ordem tradicional, herdada e recebida; em que ‘ser’ significa um novo começo permanente”.

Já a Modernidade Líquida, definida de forma sintética, é a época atual em que vivemos. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incerteza e insegurança. É nesta época que toda a fixidez e todos os referenciais morais da época anterior, denominada pelo autor como modernidade sólida, são retiradas de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade.

Ou seja, trata-se de um momento em que o indivíduo está em busca de afirmação no espaço social; a passagem de estruturas de solidariedade coletiva para as de disputa e competição; o enfraquecimento dos sistemas de proteção estatal às intempéries da vida, gerando um permanente ambiente de incerteza; a colocação da responsabilidade por eventuais fracassos no plano individual; o fim da perspectiva do planejamento em longo prazo; e o divórcio. Em nosso trabalho dissertaremos tendo por perspectiva as características do segundo conceito de Modernidade. .

Por tratar-se de um termo de difícil conceituação que abrange várias ideias doutrinas e atitudes, mas cujo fator comum é a atribuição de centralidade no “indivíduo”, cabe aqui, fazer uma ressalva, ressaltando que individualismo e individualidade têm significados distintos. Se buscarmos, nos dicionários especializados, a conceituação dos termos "indivíduo" e "individualidade", notaremos que estes se originaram da palavra latina *individuus*, o qual significa não-dividido ou indivisível, o exemplar de uma espécie qualquer, orgânica ou inorgânica, que constitui uma unidade distinta; a

pessoa humana considerada em suas características particulares, criatura; pessoa qualquer; sujeito, cidadão.

No dicionário Aurélio, por exemplo, o termo individualidade serve para caracterizar o que constitui o indivíduo; o caráter especial ou particularidade que distingue uma pessoa ou coisa; e pode significar, no sentido figurado, personalidade. O individualismo, por sua vez, se trata da existência individual, do sentimento ou conduta egocêntrica. O termo individual é relativo a indivíduo; peculiar a, ou executado por uma só pessoa. Individualizar é o caráter de tornar (-se) individual.

Algumas das dificuldades a serem enfrentadas durante a explanação dessa temática residem na complexa discussão acerca do surgimento do processo de individualização, quais os fatores que influenciam e quais as reais consequências dessa cultura individualista para a sociedade ocidental moderna.

Afirma-se que o individualismo, tal qual se compreende em nossos dias, é uma conceituação teórica bastante recente. Data do início do século XIX, na França pós-revolucionária, significando a dissolução dos laços sociais, o abandono de obrigações e compromissos sociais pelo indivíduo. Desde então, tem sido utilizado para designar diferentes características pessoais ou sociais das sociedades modernas, seguindo as especificidades e ideologias contextuais.

Em nosso trabalho dissertaremos sob a perspectiva da Sociologia, para qual o conceito individualismo relaciona-se mais estreitamente a uma propriedade característica de algumas sociedades, em particular das industriais modernas. Nelas, o indivíduo é considerado unidade de referência fundamental, tanto para si mesmo como para a sociedade, e sua autonomia é maior do que nas ditas sociedades tradicionais.

O antropólogo francês, Louis Dumont (1985) em sua obra **“O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna”**, afirma que o individualismo seria uma ideologia moderna e signo da modernidade em contraposição ao tradicionalismo das sociedades holistas. Nas primeiras, a totalidade do corpo social tem valor supremo, enquanto nas segundas o indivíduo seria o centro e o foco do universo social.

Dumont (1985) apresenta a tese que a gênese da ideologia individualista atual aparece e está presente desde o início da era cristã e no berço da civilização ocidental. Porém, Dumont (1985, p. 36) diz: "...algo do individualismo moderno está presente nos primeiros cristão e no mundo que os cerca, mas não se trata do individualismo que nos é familiar". Logo, no ponto de partida para o surgimento do individualismo no Ocidente seria o Cristianismo, em que havia a figura do renunciante cristão. O indivíduo retira-se do mundo profano para ter uma relação com Deus e com o sagrado, tornando-se um indivíduo estranho ao mundo. Seria o individualismo extramundano que surge dentro de uma sociedade tradicional e holista, onde se tinha uma visão teocêntrica de mundo: o indivíduo devia "seguir a Deus" através da lei da igreja para alcançar a sua redenção. Deus era o centro e o homem não detinha valor algum.

No entanto, ocorre uma mudança, com o advento da Reforma Protestante, na qual o renunciante cristão passa a integrar o campo social, favorecendo a gênese de uma sociedade individualista. O pensamento cristão abre espaço para a racionalização. O que até então era estabelecido como norma padrão a ser seguido por todos, passa a ser questionado. Ocorre, assim, a transição do individualismo extramundano, fundado numa matriz social holista, para o individualismo intramundano (DUMONT, 1985). O individualismo passa a figurar como marca da Modernidade e como valor principal da cultura ocidental. Nota-se com isso que a ideia de indivíduo, a percepção de si como indivíduo não é inata, mas construída socialmente.

Para entender a ideologia individualista da Modernidade, Dumont (1985) utilizou uma perspectiva comparativa. O autor estudou a sociedade de castas na Índia e demarcou a hierarquia como princípio organizador de tal sociedade, cada ser humano particular ocupando seu lugar, obedecendo aos fins prescritos pelo todo social, sem possibilidade de mobilidade. Este tipo de sociedade representa um exemplo de sociedade tradicional. Neste caso não há espaço, ou há pouco espaço, para escolhas individuais.

Dai podemos constatar que na sociedade moderna, a ideologia do individualismo surge à medida que concebe o indivíduo como sujeito moral, independente, e autônomo e ignora ou subordina a totalidade social. De acordo com esta

configuração de ideias-valores, o indivíduo possui atributos como a igualdade e a liberdade, além de se entender como sujeito emancipado do social, livre de toda a ordem coletiva e igual a todos os demais seres humanos e enquanto encarnação da humanidade”, logo o individualismo moderno é “inconsciência do social” (CAVALCANTE, 2004 apud STOLCKE, 2001, p. 20).

Partindo de outra época (a Renascença), o sociólogo alemão Georg Simmel, discute a questão da liberdade e da igualdade presentes no individualismo de Dumont. Segundo o autor, no período renascentista o indivíduo buscava a singularidade, auto responsabilidade, a liberdade, ou seja, a individualidade. Todos estes conceitos fizeram parte da construção do que viria a ser o individualismo moderno.

Neste sentido, “o individualismo se manifesta como uma busca de distinção” (SIMMEL, 1987, p. 110). Ou seja, necessidade de se impor incondicionalmente. Em um segundo momento, entrando no discurso próprio da modernidade, o homem renascentista buscava se libertar do jugo das instituições políticas, econômicas e religiosas, tomando esta liberdade como autoafirmação em relação à sociedade.

Entretanto, Simmel (1998) vai além em sua análise. Em “O dinheiro na cultura moderna” e “O Indivíduo e a Liberdade”, faz uma relação bem clara do individualismo com a modernidade, e mais especificamente sua relação com o universo capitalista, no qual para ele estão intrinsecamente envolvidos. Para Simmel (1998), a sociedade moderna traz o dinheiro como medido das coisas, assumindo um caráter simbólico de equivalência das coisas.

Assim, a cultura do dinheiro é o fator individualizador dos homens e o individualismo reflete o estilo de vida urbano (preso às condições objetivas), e a individualidade como espaço subjetivo de liberdade, entretanto,

Sendo o equivalente a todas as múltiplas coisas de uma e mesma forma, o dinheiro torna-se o mais assustador dos niveladores. Pois expressa todas as diferenças qualitativas das coisas em termos de ‘quanto?’. O dinheiro, com toda a ausência de cor e indiferença, torna-se o denominador comum de todos os valores; arranca irreparavelmente a essência das coisas, sua individualidade, seu valor específico e sua incomparabilidade. (...) (SIMMEL, 1987, p.16-14)

Para sustentar sua tese, inicialmente o sociólogo faz uma abordagem histórica com relação à transição da economia na idade média para a economia moderna onde a questão monetária, ou seja, o dinheiro, ganha espaço. Isso porque o dinheiro chega com um caráter impessoal, quebrando a unidade que antes existia na época medieval e tornando o indivíduo cada vez mais independente e autônomo. Com a economia monetária as relações entre as pessoas se tornam cada vez mais objetivas, se tornam cada vez mais relações de troca. Abre-se espaço, assim, para a exploração da subjetividade do sujeito, ou seja, para o individualismo.

O autor descreve duas formas de individualismo, colocando a vida nas cidades como uma grande fomentadora desta ideologia. O primeiro tipo de individualismo está relacionado com a primeira revolução individualista que ocorreu no século XVIII, quando surgiu o clamor por liberdade e igualdade. A segunda revolução individualista iniciou-se a partir do século XIX, por influência do Romantismo, difundindo a ideia de que os homens, agora libertos dos laços tradicionais, poderiam ser distinguidos uns dos outros. Os indivíduos buscavam, então, ser valorizados na sua singularidade, queriam ser únicos e incomparáveis (SIMMEL, 1987).

Simmel (1987) circunscreve a cidade como o palco onde estas duas formas de individualismo entram em conflito e tentam unificar-se. O individualismo do século XVIII, com seu ideal de liberdade e igualdade, e o individualismo do século XIX, com os ideais da distinção, diferença e interioridade.

Podemos observar que o homem moderno nega toda ligação de subordinação com as instituições sociais, abdicando assim as crenças, regras e valores impostas por elas, guiando-se na sua visão pessoal. Neste momento, segundo o sociólogo Zigmunt Bauman, acontece a dissociação entre indivíduo e sociedade, ou seja, é o aparecimento concreto do individualismo baseado na igualdade e liberdade, seguindo o viés do liberalismo, que prega o igualitarismo e a individualidade como forma de se libertar da dominação das instituições sociais. (BAUMAN, 2001, p. 39).

Nesse sentido, Nobeit Elias (1994) um dos representantes principais da Sociologia contemporânea alerta para de o fato de esquece-se que a questão não é saber quem é o mais importante, mas sim em saber que nem o indivíduo, nem a sociedade existem um sem o outro. Embora muitas pessoas, ao pensarem em sua origem, imaginem que descenderam de um único ser humano já adulto, sabemos que todo

indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existem antes dele e, das quais, ele depende.

Elias (1994) parte da premissa nem a sociedade nem o indivíduo existem sem o outro. Um não pode existir sem o outro, nem um se pertence, coexistem ambos. Sem indivíduo não tem sociedade, sem sociedade não tem indivíduo. Contudo, a problemática da relação entre indivíduo e sociedade, segundo Elias, não é clara hoje em dia. Isso ocorre porque sempre se associam os termos como sendo antagônicos ou estáticos: indivíduo – ser humano singular; sociedade – reunião de pessoas singulares. Esta é uma visão equivocada, uma vez que não é através da separação e sim da interdependência entre indivíduo/sociedade que o pesquisador deve voltar sua análise. As pessoas são ao mesmo tempo constituídas pelas suas características individuais, bem como pelos padrões sociais.

As duas abordagens são ineficientes, pois tratam os indivíduos como algo completamente isolado de suas relações sociais ou como frutos exclusivos dessas, o que é um equívoco, já que um só existe em função do outro. Cada indivíduo já nasce inserido em uma determinada sociedade e sua convivência com os outros determina suas relações sociais, incluindo seus modos, sentimentos, gostos, bem como sua função na mesma.

Em meio a essa busca frenética por liberdade e segurança o que ocasiona o isolamento dos indivíduos, Bauman (2004) faz um importante alerta: com a individualização, não apenas as relações amorosas e os vínculos familiares são afetados, mas também a nossa capacidade de tratar um estranho com humanidade é prejudicada.

3.1 Os indivíduos anônimos da cidade paulista

Como vimos no capítulo anterior, a individualização e a individualidade são marcantes na modernidade. Esses aspectos sempre existiram inerentes aos indivíduos, mas a partir da expansão do sistema capitalista, da economia globalizada adquiriu um novo sentido. Hoje, a sociedade ocidental industrializada

apresenta-se sob uma nova noção de indivíduo, este passou a ter um caráter universal, isto é, passou a ter (pelo menos teoricamente) direitos institucionais e a liberdade de escolher viver segundo sua própria consciência. Dessa forma, a ideologia do liberalismo econômico resultou em reconfiguração da estática hierarquia em que se vivia até então, de estratificada passou a ter mobilidade. Contudo, essa ideologia de libertária trouxe consigo uma complexa rede de contrastes sociais.

A busca por satisfação pessoal/profissional gerou sujeitos angustiados que são submetidos a constantes escolhas para atender às demandas, sociais e econômicas, o que favoreceu ao desenvolvimento de um sentimento de individualismo egocêntrico, cada indivíduo passou a pensar em si mesmo, nas suas metas, nos seus interesses. A noção de indivíduos que temos atualmente é a de que este se trata de um projeto único-ele se faz, se constrói, é resultado de suas escolhas e de suas opções. Portanto, almeja-se cada vez mais a individualidade, a diferenciação dos outros. Porém, infelizmente desenvolvemos o não somente individualidade, como também o individualismo.

Alguns filósofos, como Thomas Hobbes, John Locke e Adam Smith, contribuíram para a consolidação da ideia de que o ser humano é, por natureza, racional, autônomo, utilitário e voltado principalmente para a satisfação egoísta de seus próprios interesses. O mito do homem que sobrevive como indivíduo é difundido na literatura universal em heróis como Robinson Crusóé: o homem que consegue sozinho, através do uso da razão, utilizar a natureza a seu favor e sobrevive sem o auxílio de outras pessoas.

Esse sistema de isolamento dos indivíduos na sociedade faz prevalecer os direitos do indivíduo sobre os da sociedade, aumentando ainda mais a desigualdade social em que todos estão imersos. Assim, apesar de falar-se tanto em modernidade ainda vivemos em uma sociedade dividida em classes dominantes e classes dominadas.

Em *“Eles eram muitos cavalos”* apesar de tratar-se de uma obra ficcional tem-se em seu recorte uma retração clara dos indivíduos da metrópole paulista. O romance revela a cidade em suas entranhas, pois é no interior da multidão que encontramos sentimentos muito íntimos de indivíduos desconhecidos, que por vezes sentem-se fracos, arruinados, tristes e órfãos de políticas públicas que viabilizem, contribuam

para uma sobrevivência com dignidade. Relevante observar que tanto em lugares públicos como em ambientes privados, familiares, observamos seres condenados a uma solidão com sofrimentos silenciosamente suportados. O livro não faz uma apologia à pobreza, defendendo sua causa, ao contrário, temos é um jogo narrativo complexo e ambíguo em sua amostragem da diversidade humana e social de São Paulo.

Ao analisarmos os indivíduos, personagens presentes no texto, podemos afirmar que a maioria deles (ou sua totalidade) refere-se aos mesmos sujeitos, a grande classe social que constitui a megalópole paulista: a classe operária. Configurada a partir dos desempregados angustiados, “casais desfeitos; crianças roídas por ratos em barracos imundos; gente assassinada em sequestros relâmpagos; vendedores ambulantes; velhos sem mercado de trabalho; famílias vivendo aglomeradas em caixas-apartamentos; pastores pregando em praça pública; pedintes; vendedores de balas; assaltantes; motoristas de táxi contando suas vidas aos passageiros”. (BELON, 2008, p.23-24)

Nesse sentido, Damasceno (2012, p. 03) afirma que a partir de um mosaico de cenas e situações cotidianas que envolvem variadas personagens, as quais constituem uma espécie de amostragem da diversidade humana que vive e sobrevive na grande metrópole. Misturados anonimamente à multidão, essas personagens agem e reagem aos influxos e tensões da agitada vida cotidiana moderna urbana, no ritmo pulsante de uma das maiores cidades do mundo. Como células desse complexo organismo que é a metrópole, movimentam-se incessantemente, imperceptíveis na totalidade do conjunto. Na gigantesca cidade-corpo, as personagens-pessoas tornam-se seres mínimos e insignificantes.

A partir dessas ideias, de acordo com Debortoli (2011) pode-se formular a seguinte hipótese: no desmonte estrutural do romance “*Eles eram muitos cavalos*”, Ruffato (2013) dá voz aos silenciados do mundo, representa uma realidade desdobrada em sua versão de carências, para nos aproximar do real, do lado cruel, periférico, chamando a atenção não pelo excesso de descrições, mas ao contrário, por sua escassez. Isso acontece quando o escritor evidencia o silêncio entre uma palavra e outra, os cortes inesperados das frases, que deixam em suspenso um pedido de atenção, justamente porque não há palavra capaz de representar a dor humana em

seu estágio mais voraz representação do homem desacreditado, tomado pela ganância, pela falsidade, traição, aparências e individualismo.

Entre fragmentos, através do recurso de pontuação, evidencia-se a preocupação de Ruffato (2013) em retratar um indivíduo vazio, em movimento errante e oscilante, num contexto líquido moderno, na sociedade do espetáculo; “traz as angústias de hoje, retratando um povo brasileiro que se apresenta com suas múltiplas faces diante das oscilações identitárias, vislumbrando poucos horizontes. Por isso, o que temos são indivíduos angustiados, escravos do dinheiro, refém do consumismo, inclusive, cultural e estético”. (DEBORTOLI, 2011, p. 29-40) Vive - se à espera de um milagre, como ilustra no fragmento **31. Fé**, que traz a oração a Santo Expedito, intercessor das causas impossíveis; e em **36. Leia o Salmo 38**, onde o discurso pragmático traduz a falta de perspectivas, consciência do real, carência de atitudes.

Diante desse contexto, o que vemos que o indivíduo caracteriza-se bem próximo do que é uma máquina, a qual oferece indiferença, autossuficiência, monólogo, diálogo programado e egoísmo, a tecnologia se tornou também elemento de marginalização e opressão. Quando se adotam, sem critérios e críticas, em nome de um desenvolvimento milagroso, modos de outrem, perdem-se a identidade e o ponto de referência.

Bauman (2009) em sua obra **Vida Líquida** pontua que a perda de valores sociais e a prevalência dos individuais são aspectos marcantes em nossa sociedade. O que se entendia por tarefas coletivas, hoje se restringe ao individual, afetando também a rotina comum do indivíduo imerso numa condição precária, com estilos de vida e costumes angustiantes, onde:

[...] as preocupações mais intensas e obstinadas que assombram este tipo de vida são os temores de ser pego tirando uma soneca, não conseguir acompanhar a rapidez dos eventos, ficar para trás, deixar passar as datas de vencimento, ficar sobrecarregado de bens agora indesejáveis, perder o momento que pede mudança e mudar de rumo antes de tomar o caminho de volta. (BAUMAN, 2009, p. 08)

Bauman (2000, p. 74) ressalta ainda que “verdadeiramente moderna, não é a presteza em retardar o contentamento, mas a impossibilidade de ficar contente”.

Assim, ante uma sociedade conturbada, em que a modernidade atual é interpretada como tempo do efêmero, do fugaz, da ruptura, do não permanente, do não-lugar, o indivíduo busca a melhor forma de encontrar um lugar seguro, num tempo de incertezas. Diante das múltiplas oportunidades, na era do conhecimento, o indivíduo sentiu-se indeciso, descartável e impotente. Assim sendo, o vazio gera instabilidade nas suas escolhas, nos seus projetos e, em consequência, uma acentuada dificuldade na realização pessoal e na inter-relação social coletiva.

Dessa forma, o homem no grande centro urbano encontra uma vida condenada ao excessivo trabalho, vive para produção, para propiciar lucro a alguém e para a satisfação de algumas necessidades de consumo: “às oito horas, dentro da caixa de vidro fumê, liga o microcomputador, a mesa de pinus abarrotada, hora do almoço devora x-salada da lanchonete da esquina” (RUFFATO, 2013, p. 51). Encontra-se o indivíduo marcado pela síndrome do ter de cumprir metas, não parando sequer para se alimentar: “se pudesse comia ali mesmo, mas a chefia “Estraga o teclado... E se cai Coca-Cola então, puta!, aí fodeu!”(RUFFATO, 2013, p. 51).

Nessa rotina de obrigações e desprazer, a personagem pensa em abandonar tudo, mas lembra “a mensalidade do curso de informática, as prestações do aparelho-dentes, o presentinho para o dia das mães, o cedê prometido à irmã caçula...” (RUFFATO, 2013, p. 51). Assim, o consumismo escraviza o indivíduo e o que impera é a afirmação da identidade através do que consome.

No fragmento **46. O prefeito não gosta que lhe olhem nos olhos** em que se expõe os falsos discursos que se repetem comumente, o narrador ironiza a falta de escrúpulos de alguns políticos alheios aos problemas sociais. No fragmento citado o prefeito atende pelo nome de trabalho. “Ele” é desses sujeitos que gostam de tudo direitinho, preto no branco [...]“Ele” tem conta no exterior, “Ele” é chefe da quadrilha que roubava os cofres da prefeitura”. (RUFFATO, 2013, p. 103) Por conseguinte, acompanha-se a impunidade e fraudes constantes com o dinheiro do povo, o qual deveria estar sendo aplicado em políticas públicas competentes para formação de indivíduos com melhores condições de vida.

Esse é o universo da sociedade individualizada. A luta para uma possível melhora na condição de vida é uma constante. Sem dinheiro, a existência se reduz ao drama

básico, as lutas desesperadas pelo pão, podendo levar à degradação do corpo, aos vícios, à prostituição e à violência; uma deterioração dos hábitos e dos valores, pois as pessoas se tornam gradualmente escravas do materialismo, em detrimento do caráter espiritual da vida. As próprias relações sociais se desvalorizam diante da valia crescente das mercadorias, na verdade até mesmo os relacionamentos se submetem a critérios materiais. Em nome do progresso econômico quem dita às leis e tem privilégios é o mais forte, o mais habilidoso, o mais veloz, o que tem maiores recursos e o mais inescrupuloso.

3.2 O homem como uma ilha: a fragmentação das relações sociais

John Donne (1572-1631), um poeta inglês do século XVI, em seu famoso texto “Meditações XVII” (1624), escreveu o seguinte trecho (mais tarde usado pelo escritor norte-americano Ernest Hemingway em seu romance “Por quem os sinos doam”):

Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; todo homem é um pedaço do continente, uma parte da terra firme. Se um torrão de terra for levado pelo mar, a Europa fica diminuída, como se fosse um promontório, como se fosse o solar dos teus amigos ou o teu próprio; a morte de qualquer homem me diminui, porque sou parte do gênero humano, e por isso não me perguntes por quem os sinos doam; eles doam por ti.

Notamos que há quatro séculos John Donne já sugeria que nenhum homem poderia existir sozinho, afirmando que somos todos interligados, e que a perda de um ser humano é também a nossa perda. Nesse sentido, cada vez que os sinos doam, a humanidade perde algo precioso: uma vida, e, com ela, toda uma história.

Estamos cada vez mais nos afastando dessa ideia, da nossa essência, que é eminentemente social. Estamos nos computadorizando, nos maquinizando.

Podemos observar tal fato ao olharmos para a cidade ocidental moderna. Mais precisamente, a metrópole paulista. Esta se modernizou, contudo, não se tornou apenas mecanizada, consumista, líquida; essa modernidade, de acordo com Zygmunt Bauman, trouxe consigo uma misteriosa fragilidade dos laços humanos, um

amor líquido. Nossas relações tornam-se cada vez mais "flexíveis", gerando níveis de insegurança sempre maiores.

Como já foi evidenciado nos capítulos anteriores, "*Eles eram muitos cavalos*", Ruffato (2013) nos apresenta um retrato minucioso da situação precária que se encontram as relações humanas na metrópole paulista. Um dos fatores primordiais para essa realidade é a questão da individualização cada vez mais presente em nossa sociedade, tendo em vista que esse individualismo moderno dificulta a possibilidade do ser humano ver o outro e ver-se no outro, o "eu" passou a ter uma prioridade quase que egoísta sob todos os aspectos da vida social.

Algumas mini narrativas do romance ruffatiano como **O que quer uma mulher**, **A Carta**, **A vida antes da morte**, **Trabalho**, dentre outros, retratam bem a fragmentação das relações afetivas, a desagregação familiar, que causam angustias, solidão, depressão; aspectos da vida citadina que afetam consideravelmente o indivíduo e o convívio social que passam por vezes despercebidas no dia-a-dia da cidade moderna.

Em **O que quer uma mulher** a narrativa mostra um casal em crise, um casamento fadado a deteriorização. De um lado tem-se a mulher, cansada da rotina, insatisfeita com a situação precária da família, e a falta intimidade por parte do marido: "cansei nada vale tanto sacrifício trabalhar trabalhar trabalhar para quê? A gente quase não se vê mais não sai pra lugar nenhum quanto tempo tem que você nem me procura". (RUFFATO, 2013, p.25). Do outro, o marido, que pouco fala, apenas tenta tranquilizar a mulher. "Ele não percebe que a esposa já não o reconhece mais: " ? quem é esse homem, meu deus" (p. 27)

Circunstancias semelhante às apresentadas na narrativa anterior, vive o marido desempregado que mora com os sogros do fragmento **44. Trabalho**. A diferença entre os dois fragmentos é que no primeiro caso, apesar do casal ter um emprego fixo a renda não supri as necessidades da família, enquanto que na segunda narrativa, embora o indivíduo já tenha acompanhado " uma montoeira de curso, Senac, Senai, Central do Trabalhador, nenhum asfaltou estrada prum bom emprego". Por isso, é constantemente criticado e humilhado pela mulher, pelos familiares da esposa e pelos vizinhos:

O cristo é mesmo o genro: motivador de piadas, desabonado na frente das vizinhanças, o que em-antes cochichos, hehehes entre parentes [...] agora, se lascou deveras:a patroa tirou a limpo que é devedor de toda a imediação [...] de castigo regula a mixaria cotidiana, de tal maneira que toma café tarde para economizar no almoço [...] (RUFFATO, 2013, p. 81-82).

Então, para fugir dos encontros familiares dos finais de semana, “rouba uns trocados da bolsa da esposa e sai de fininho, o dia inteiro bundando no Parque Ibirapuera, deitado na grama olhando o jato d’água em frente à Assembléia Legislativa” (IDEM, p. 82).

No fragmento **6.Carta** em que a mãe escreve para o filho numa tentativa clara de busca pela reaproximação, temos um distanciamento tanto físico quanto afetivo entre os membros da mesma família. Percebe-se que na correspondência a mãe exagera nas queixas sobre a saúde dela e do marido, numa sutil reclamação do desinteresse do filho pelos pais. A angústia desses pais é nítida, que se junta ao medo da morte, a tristeza pela ausência do filho, o remorso e ao constrangimento por algum desentendimento que produziu esse afastamento.

[...] O seu pai é que anda acamado por causa de que outro dia estrepou o pé num toco que estava enterrado no meio da vargem [...] Um dia desses Deus que me perdoe ele pode faltar, Paulino. A gente nunca sabe[...] não me conformo com esse desentendimento, essa distância.

[...] O Veludo coitado está tão velhinho. Mas é a velhice. Todos vamos ter que passar por isso um dia. (RUFFATO, 2013, p.111-112).

Esse mesmo afastamento afetivo é encontrado em **33. A vida antes da morte**. Porém, com um agravante: a desagregação familiar, a falta de afeto, vem junto com exploração do idoso. Nesse conto, temos o drama de um senhor idoso que mora de favor num apartamento de um conjunto habitacional popular, junto à filha desquitada e dois netos. A aposentadoria de um salário mínimo do idoso é repassada para a filha e “[e]ntão, o velho, que se sabe um estorvo, alivia-se por ainda poder servir para pelo menos alguma coisa” (IDEM, p. 61). Mesmo útil, sofre humilhações. Cansado dessa situação, busca uma bengala para sua vida miserável no

espiritismo, “algum livro, um que falasse como é a vida depois da morte” (IDEM, p. 64).

Com a falta de tempo para diálogo familiar, seus dias se restringem ao “bom dia boa tarde boa noite”. O sentido de “ambiente familiar” nesse caso não se relaciona com a ideia de um local harmonioso, de afetos, conforto, bem-estar, proteção e todo o tipo de apoio necessário na resolução de conflitos, e sim, se resume apenas a “pessoas que dividem o mesmo teto”.

Aspectos como abandono, degradação física, frustrações, traições, desespero são representados na narrativa **37. Festa**. Aqui temos a figura de Idalina que chega às cinco da tarde no quarto miserável em que uma antiga amiga de infância e ex-colega de um curso de maquiagem no SENAC definha, contaminada com o vírus da AIDS pelo marido adúltero. Abandonada por familiares e amigos, ela conta apenas com a compaixão de Idalina, que maquia seu rosto já cadavérico e assim, “aos poucos a amiga, tão vaidosa, abduz dos doze anos a alegria menina que sonhava casar e ser médica “para ajudar os semelhantes” (RUFFATO, 2013, p. 65).

Em **Modernidade líquida**, Sigmund Bauman retrata bem esse momento de relações estilhaçadas, ao afirmar que “a situação presente emergiu do derretimento radical dos grilhões e das algemas que, certo ou errado, eram suspeitos limiães à liberdade individual de escolher e de agir”. Entende-se que o mundo está enclausurado na pior fase do capitalismo, priorizando o individual, sem forma de evasão possível. Nesse contexto encontra-se:

[...] pessoas desgastadas e mortalmente fatigadas em consequência de testes de adequação eternamente inconclusos, assustadas até a alma pela misteriosa e inexplicável precariedade de seus destinos e pelas névoas globais que ocultam suas esperanças, buscam desesperadamente os culpados por seus problemas e tribulações (BAUMAN, 2004, p.143).

Esse isolamento social, essa frieza em relação ao outro também é encontrado no fragmento **40.Nós poderíamos ter sido grandes amigos** o que muda em relação dos fragmentos anteriores, é a condição econômica das personagens, porém o tom trágico permanece. Aqui teremos a história de dois potenciais amigos, em que o

narrador, um deles, começa a colocar em perspectiva tudo o que poderiam fazer juntos, eles e suas esposas e filhos: jantares, viagens, encontros, saídas, troca de e-mails e confidências. Seriam, como diz o título, grandes amigos. Seriam. Se mais uma vez a narrativa não tivesse um desfecho trágico, marcado pela violência da grande cidade. Um sequestro-relâmpago põe fim à vida do possível amigo do narrador que revelará num trecho não tê-lo conhecido de verdade: —Mas não nos conhecíamos. Nos vimos algumas vezes no elevador de serviço, a caminho da garagem do prédio, uma ou outra vez nas piscina... — (Ibidem, p. 20).

Nesse sentido, em “*As consequências da modernidade*”, de Antony Giddens, vê-se que:

O oposto de “amigo” já não é mais “inimigo”, nem mesmo “estranho”; ao invés disto é “conhecido”, “colega”, ou “alguém que não conheço”. Acompanhando esta transição, a honra é substituída pela lealdade que não tem outro apoio a não ser o afeto pessoal, e a sinceridade é substituída pelo que podemos chamar de autenticidade: a exigência que o outro seja aberto e bem-intencionado. Um amigo não é alguém que sempre fala a verdade, mas alguém que protege o bem-estar emocional do outro. O “bom amigo” – alguém cuja benevolência é disponível mesmo em tempos difíceis – é o substituto nos dias de hoje para o “honorável companheiro”. (GIDDENS, 1991, p.107).

Em **63. Nosso encontro**, uma série de desencontros, frustrações e crises pessoais é apresentada pelo narrador-personagem. Nesse reencontro anual pactuado entre os antigos amigos, sempre no mesmo dia e lugar, os amigos buscam resgatar as velhas referências, a sólida terra firme do companheirismo antigo, aqueles que nos viram pelados, que desconstruíram nossa história, que sabem da nossa dor, da nossa solidão, do nosso desespero “[...] dinheiro já não há para pagar a fatura do cartão de crédito pós um mês no Alloffthe Jazz. Então, chope e tira gostos do Galinheiro do Grill: sinal dos tempos”. (RUFFATO, 2013, p.110 -111)

Esse grupo traz uma representação da nossa atual situação social envolta aos paradoxos da vida moderna. Nesse sentido, Debortoli (2011, p.57) afirma que os vínculos humanos tornam-se cada vez mais frágeis, os anseios por viver melhor são sempre adiados, a tentativa de ressignificação da vida íntima passa por diversas experiências, como sugere a expressão “casou-se de novo”. *Porém, as tentativas*

sem sucesso levam à dor, à agonia e, em algumas vezes, aos vícios. O indivíduo que não se compreende busca evasão como válvula de escape:

Homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição, desesperados por relacionar-se. E, no entanto desconfiados da condição de “estar ligado” em particular de estar ligados “permanentemente”, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e podem limitar severamente a liberdade de que necessitam para – sim, seu palpite está certo – relacionar-se. (BAUMAN, 2004, p. 8)

De certo modo, todo esse aspecto trágico e essa dificuldade nos relacionamentos interpessoais parecem surgir em decorrência, como o romance aponta, da vida em uma cidade marcada muitas e muitas vezes pela desumanização, pela dissolução dos laços fraternos, e pela violência.

Tanto no fragmento **Tetrálogo**, narrativa 53. quanto em **55.Via internet**, temos exemplificações da substituição do amor pelo ardor sexual, que se busca ansiosamente aplacar ou realizar através da figura dos dois casais de classe média alta, no bar da casa de swing com a troca de parceiros, ou pelos relacionamentos virtuais. Nesse sentido, observamos que a sexualidade tornou-se banalizada, valor predominante nas relações humanas, mas esvaziada de pureza, de fidelidade, de afeto e de amor. As relações amorosas mostram-se artificiais, ensaiadas como uma peça de teatro. Nas relações humanas na modernidade líquida:

o amor também sofreu o processo de liquefação, sendo percebido e avaliado em termos de mercado como um ato de consumo em que os indivíduos envolvidos são, ao mesmo tempo, consumidores e objetos de consumo que buscam satisfação de forma instantânea e sem compromisso, de uma forma ou de outra, o objeto que provocou desagrado (por não ter cumprido o que prometia, por ser inconveniente demais para ser utilizado sem problemas, ou por terem se esgotado os prazeres que podia proporcionar) é descartado. os perigos parecem menos assustadores na ausência de compromisso. (BAUMAN, 2007, p. 140)

Percebe-se a partir da leitura dos fragmentos de “*Eles eram muitos cavalos*”, que a obra em si exemplifica bem essa sociedade paradigmática, pluralizada, que se configura numa realidade oscilante e fragmentada. Nesse contexto, estruturas, costumes e conceitos sólidos, considerados estáveis, estão sendo repensados, pois vivemos momentos em que a flexibilidade, a capacidade de assumir várias identidades são fatores determinantes para o sucesso do indivíduo em todos os setores da vida, então só é possível nos preocuparmos com as consequências que podemos prever, e somente delas que podemos lutar para escapar, como diz Bauman(2008, p.18).

4 CALEIDOSCÓPIO DAS DIFERENÇAS

Falar sobre “as diferenças” é uma tarefa árdua, pois se trata de assunto muito vasto e de difícil delimitação. Os valores que são elencados para se debruçar nessa temática, é algo tanto abstrato como carregado de significados e até mesmo de preconceitos, estes os pontos de partida para a análise comparativa que se faz necessária em sua explanação.

Aqui, a palavra diferença, vem como sinônimo de desigualdade, entendida também, segundo o dicionário Priberam: “Falta de igualdade. Irregularidade. Inconstância; variabilidade. Aspereza, escabrosidade. Desproporção. Inferioridade”.

Iremos tratar desse tema difuso, dialogando com autores que se dedicaram a interpretar as variadas concepções e linhas de estudos e com a obra base “*Eles eram muitos cavalos*”, de Luiz Ruffato, no qual se tem sua representação quase que inteiriça através de seus contos e personagens, e como protagonista a cidade de São Paulo, palco de todo o espetáculo das diferenças, desaguando em seu maior expoente do mundo moderno, a exclusão social.

Parou, resfolegante, o coraçãozinho às corcovas, estendeu-se sobre o corpo trêmulo, a confusa recém-lembrança. Por que fora agredido? Arfando, a língua lambe o pelo duro, amarelo-sujo, tenta escoimar os doloridos. Por quem fora agredido? Os dentes agudos mordiscam ao léu, à cata de invisíveis pulgas. Exausto, a cabeça pende sobre as patas esticadas, cerra os olhos, o rabo sossega, suspira. Aos poucos, os caquinhos coloridos assentam no fundo do caleidoscópio. (RUFFATO, 2013, p. 27).

Este fragmento acima de título “**Chacina 41**”, já mencionado anteriormente neste ensaio, é trazido novamente por retratar de maneira substancial, como os indivíduos excluídos, podem se identificar com este conto, tratados como um animal, um cachorro, sem direitos, sem dignidade, sem respeito. A busca por saber o porquê dessa condição agressiva e quem são seus “agentes agressores”, é constante para quem se encontra nesta realidade. Se virar como se pode e tentar juntar as peças,

os cacos desse quebra-cabeça desajustado, pelo prisma de um caleidoscópio nebuloso.

Entender o conceito de Exclusão é uma tarefa muito complexa, a qual exige muito esforço sem a certeza de atingir com plenitude uma definição. É um assunto muito discutido, “tema presente na mídia, nos discursos políticos e nos planos e programas governamentais, a noção de exclusão social tornou-se familiar no cotidiano das mais diferentes sociedades”, como relata Wanderley (2010, p. 17).

A discussão a que se propõe este ensaio tem a pretensão de utilizar o romance de Ruffato (2013), que faz esse debate a partir da realidade operária, e mostrar, por esse segmento, como as relações de Trabalho serpenteiam esse conceito/condição de Exclusão Social no Brasil, partindo da perspectiva da Cidade de São Paulo.

Nesse sentido, Wanderley (2010, p. 17), afirma que mendigos, pedintes, vagabundos, marginais, existem nas diversas sociedades há muito tempo, mas foi a partir da década de 90 que se teve um novo conceito de exclusão, protagonista dos debates tanto no âmbito político como no meio intelectual:

Se atualmente a maioria dos problemas sociais são apreendidos através dessa noção, é preciso ver aí, ao mesmo tempo, o resultado da degradação do mercado de emprego, particularmente forte no início desta década, e também a evolução das representações e das categorias de análise. (PAUGAM, 1996, p. 14 apud WANDERLEY, 2010, p. 17).

Quando se pensa em exclusão social, faz-se uma ligação com os indivíduos que sofrem com essa desigualdade de forma separatista, ou seja, fragmentada, vendo o particular. A noção de exclusão pensada através do viés de novas representações e de sua evolução (não são somente mendigos, vagabundos, marginais...), mas um todo que ultrapassa o indivíduo em sua individualização e se expande para o social, é uma noção que tem sua invenção atribuída a René Lenoir, que diz que se deve buscar a origem nos princípios e de como funcionam as sociedades modernas. (WANDERLEY, 2010, p. 17-18).

As várias perspectivas sobre a definição e as formas de exclusão (processos de urbanização, desigualdade de renda, acesso aos serviços básicos, minorias étnicas, idosos, desempregados...), e os novos conceitos agregados, suscitam um novo e ampliado olhar mostrando que é muito mais que se pensava e era colocado como limite conceitual, assim como define Wanderley (2010, p. 18-19): “Os excluídos não são simplesmente rejeitados física, geográfica ou materialmente, não apenas do mercado e de suas trocas, mas de todas as riquezas espirituais, seus valores não são reconhecidos, ou seja, há também uma exclusão cultural”.

Na obra *“Eles eram muitos cavalos”*, tem-se um mosaico de contos que estão entrelaçados, a princípio, por fazerem parte da realidade da metrópole de São Paulo, e contando com uma heterogeneidade muito grande de personagens.

Ligando esta análise a tudo que foi tratado até o presente momento sobre desigualdade e exclusão social, o precedente que se abre, é o de que, todos, ricos, pobres e “os médias”, estão relacionados e fazem parte da mesma teia, pois o fenômeno tratado e tomado como relevante por permear toda a obra em questão, é o fato de todos os processos excludentes, terem a participação das diferentes personagens ora como protagonistas, ora como coadjuvantes, mas sempre parte integrante dessa grande “roda viva”:

Tem dias que a gente se sente
 Como quem partiu ou morreu
 A gente estancou de repente
 Ou foi o mundo então que cresceu
 A gente quer ter voz ativa
 No nosso destino mandar
 Mas eis que chega a roda-viva
 E carrega o destino pra lá

Roda mundo, roda-gigante
 Rodamoinho, roda pião
 O tempo rodou num instante
 Nas voltas do meu coração

A gente vai contra a corrente
 Até não poder resistir
 Na volta do barco é que sente
 O quanto deixou de cumprir
 Faz tempo que a gente cultiva
 A mais linda roseira que há
 Mas eis que chega a roda-viva
 E carrega a roseira pra lá (BUARQUE, 1967)

Ao fazer uso dessa memorável letra do artista Chico Buarque, pretende-se ilustrar o quanto os indivíduos em sua luta por ser o sujeito de sua própria história, muitas vezes se deparam com um mundo em que se vê sem forças para prosseguir, engolido por situações e realidades seja no mercado de trabalho, sem acesso à educação de qualidade, em meio ao caos da violência urbana, pobreza, corrupção tudo desembocando numa sociedade consumista que valoriza mais o ter que o ser.

A frustração e impotência são inerentes em grande parte dos indivíduos da sociedade moderna. Esta música vem exemplificar como, na busca por ascender socialmente, há um fenômeno de “desigualdade na desigualdade”, em que as pessoas atuam em diferentes papéis no cotidiano, seja sendo excluído ou agente de exclusão, e aceitando como fato real que essas relações se fazem necessárias para que a engrenagem do mundo moderno possa continuar girando.

A dialética inclusão/exclusão gesta subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado. Essas subjetividades não podem ser explicadas unicamente determinação econômica, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como indenidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência. Em síntese, a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é processo que envolve o homem por inteiro em suas relações com os outros. Não tem uma única forma e não é uma falha do sistema, devendo ser combatida como algo que perturba a ordem social, ao contrário, ele é produto do funcionamento do sistema. (SAWAIA, 2010, p. 9).

Seguindo pelo caminho da exclusão dentro da obra de Ruffato (2013), iremos delinear, a seguir, algumas realidades em que se desenvolvem aspectos de desigualdade e exclusão sociais. São pontos já mencionados nesta reflexão e que agora serão destrinchados e exemplificados por fazerem parte constituinte do cenário urbano paulistano. Em considerações futuras deste ensaio, serão novamente tomados como pontos de partida para uma transformação na busca por alcançar um padrão no avanço de políticas públicas em favor da construção de uma sociedade, em termos de Brasil, em que a inclusão social seja possível.

Tomemos como ponto de partida para discussão o fragmento **5.De cor**, no qual encontramos o personagem “Menino”, assim identificado, sem nome, mas com uma identidade bem marcada por ser a mesma de muitos:

O menino tem dez-onze anos, embora, franzino, aparente bem menos. Agora, largou a escola, vende cachorro-quente — com molho de tomate ou de maionese — e Coca-Cola em frente à firma onde o pai trabalha. À noite, guarda o carrinho no pátio da empresa, os vigias tomam conta. Quando crescer, perder-se Brasil afora, sonha, caminhoneiro. (RUFFATO, 2013, p. 16).

Mas porque este menino escolhe, ou se vê obrigado, a ter que deixar a escola? Mello (2010, p. 133), faz uma reflexão que nos traz uma realidade cruel onde a falta de cuidado com as crianças, que tantos chamam de “o futuro do nosso país”, mostra que ainda se tem muito que aprender:

Entre o trabalho e as escolas, que acabam por expulsá-las, após anos de repetidos fracassos, as crianças não contam com muitas alternativas para ter acesso aos rudimentos da educação formal e menos ainda a expressões culturais não banalizadas pela mídia. Ficam, desse modo, excluídas desde cedo de um dos direitos da cidadania que é a educação.

Na sequência do fragmento, Ruffato (2013) relata que este menino tem um dom de saber todas às cidades do Brasil “**De cor**”. Aqui temos presente uma realidade vivenciada por tantos outros meninos e meninas do Brasil que são obrigados a largar os estudos para trabalhar e mesmo quando estão na rede de Ensino, o que aprendem acaba sendo, assim como o título desse conto, apenas decorando ao invés de compreendendo as informações, tornado-ás conhecimento capaz de transformar este indivíduo em um agente crítico, um cidadão.

A Educação será tratada como o ponto inicial, o primeiro pilar da estrutura de exclusão que irá se expandir por outros setores. Ruffato(2013) dá outra

demonstração clara de como essa, que deveria ser a base de tudo, é tratada no país tomando São Paulo como exemplo:

No corredor, onde desaguavam as três salas de aula, gizes esmigalhados, rastros de cola-colorida, massinhas de modelar esmagadas, folhas de papel-sulfite estragadas, uma lousa no chão vomitada, trabalhos rasgados, pincéis embebidos em fezes que riscaram abstrações nas paredes brancas, uma garrafa de Coca-Cola cheia de mijo, um cachimbo improvisado de crack - a capa de uma caneta Bic espetada lateralmente num frasco de Yakult.

[...] conduziram a *tia* ao quintal: a sua frente, fuçadas as leiras, legumes e verduras repisadas, arrancadas, enterradas, brotos de cenouras, beterrabas, alfaces, couves, tomates, tanto carinho desperdiçado, nunca mais vingariam, as crianças caminhando, com cuidado, por entre os pequenos cadáveres verdes, olhos baços, e ela, até onde a vista alcança, observa as escandalosas casas de tijolos à mostra, esqueletos de colunas, lajes por acabar, pipas singrando o céu cinza, fedor de esgoto, um comichão na pálpebra superior esquerda e a solidão e o desespero. (RUFFATO, 2013, p. 29).

Essa é a triste realidade não tão somente de uma escola pública, da periferia, mas de toda a rede pública do país. É a marginalidade, as drogas e a morte, entrando a força na vida de crianças que, acuadas, têm seus direitos ultrajados e usurpados desde o básico, que é o de uma Educação de qualidade. E quanto aos mestres que acreditam na Educação, fica a solidão e o desespero de uma “**Natureza Morta**”, nome dado a este excerto.

No Atlas da exclusão social, volume 5: agenda não liberal da inclusão social no Brasil (2005, p. 136), segundo pesquisa da PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), órgão das Organizações das Nações Unidas, ONU, responsável por promover o desenvolvimento e eliminar a pobreza no mundo, no ano de 2000, entre 680 milhões de crianças dos países em desenvolvimento em idade escolar de cursar o ensino fundamental, haviam 115 milhões que não estavam nas escolas (17% do total), e entre os adultos neste mesmo cenário, cerca de 1/3 da população sem saber ler nem escrever.

Uma realidade aterradora, e em termos de Brasil, os números são igualmente alarmantes, com esforços desprendidos para a área da educação insuficientes ou inadequados para se chegar a um nível, mesmo que intermediário para uma inclusão social por meio da educação. Questiona-se então, como foram aplicados tantos belos slogans de campanhas e do Governo, para não ir muito longe, alguns mais recentes: “Brasil um país de todos”, “Brasil, país rico é país sem pobreza” ou ainda “Brasil, pátria educadora”.

Ainda neste segmento, tem-se outro pilar de sustentação, primordial e estreitamente ligado a área tratada anteriormente, o Trabalho. As condições de trabalho ditam a educação que determinado indivíduo teve e suas condições presentes e futuras dentro da sociedade na qual está inserido.

No fragmento **44** do romance, intitulado “**Trabalho**” (já citado anteriormente), apresenta-se uma mostra clara de como vive uma grande parcela da população, conseqüente dos números citados com relação à educação: sem perspectivas de uma boa colocação no mercado de trabalho, recorrendo aos variados cursos que o governo subsidia na tentativa de reparar um déficit de sua própria gestão educacional e que, ainda assim, não é eficaz como se pretende, afinal, e o indivíduo que não se curva a sobreviver catando o mínimo em sua condição social ditada, agora, pelo subemprego que pode ocupar, ou se conforma em viver “à toa”, ou recorre à violência.

O chefe, *Otário!* *Um tempão de olho em você!*, comentou, espalmando, de passagem, os monitores das câmeras espalhadas pelo hipermercado, a caminho da pequena sala onde, de cueca, o cimento gelado, explicou, pelo amor de deus, que a mulher aguardava em casa, recém-parida, um menino, tinha nome ainda não, mas dependesse dele ia chamar Tiago, desempregado, correu atrás de empréstimo, mas hoje em dia!, só agiotagem, atinou ir ali, uma fraldas descartáveis no carrinho-de-supermercado, uma lata de leite ninho, expor ao público a situação, alguém quem sabe?, se disporia a pagar, coisa pouca, o dinheiro voltaria, nota sobre nota, assim que arrumasse colocação, isto é, em breve, mas, azar!, não tinha coragem, nunca isso na vida!, mendigar!, santo deus! Um momento difícil, sim, muito difícil. (RUFFATO, 2013, p. 81)

No fragmento **26**, “**Fraldas**”, encontramos um impasse: será este homem fruto do desemprego, um fato social tão frequente no nosso cotidiano, que o leva ao limite tênue entre mendigar ou roubar? Para onde penderá o seu desespero é a pergunta que se faz dia a dia, nas filas dos bancos, nas estações de metrô e ônibus, ao levar as crianças na escola, voltando do trabalho...

Na verdade, a reflexão deve ser quando se deixou de questionar se existe uma opção para se pender, se esse indivíduo com quem se “convive” tem uma escolha, e acima de tudo, se tem uma história.

As relações entre as pessoas se tornaram fragmentadas e a constituição de indivíduos anônimos, como já discorrido neste trabalho, se deram de diferentes modos, mas novamente ligados por denominadores comuns, sejam por bases familiares rompidas, relações afetivas destituídas de sentimentos substanciais ou pelas condições sociais de cada indivíduo, que os suprime o acesso aos direitos básicos como a Educação e por consequência um trabalho digno somando-se a esse espetáculo de horrores as ramificações decorrentes, violência e pobreza.

Esse cenário típico das grandes metrópoles da sociedade moderna é o responsável pela construção de um “empreendimento” monumental, as cidades invisíveis.

5 CIDADE INVÍSIVEL: A BANALIZAÇÃO DA VIDA

“A linha que separa o bem do mal não passa pelo Estado, nem entre classes, tampouco por partidos políticos, mas exatamente em cada coração humano, e por todos os corações humanos”.

(SOLJENITSIN apud SAWAIA, 2010, p. 99).

Este capítulo irá se debruçar acerca das consequências oriundas das fragmentadas relações presentes na sociedade ocidental moderna, partindo da Sociedade do Descarte para a naturalização das desigualdades, tendo seu ápice na desumanização e formação da cidade invisível.

Ao menino não agrada muito, mas, se lembra de há dois meses, é como se o Paraíso. [...] O Alemão, Gunther. [...] E quando adverte, amanhã tem trabalho, chega com uns amigos e umas mulheres e umas meninas, nem peito ainda, cheiram cocaína, bebem, arrancam as roupas, os gringos fotografam, filmam elas se roçando, se lambendo, o Alemão e o menino mandam brasa, revezam-se, o alemão falou tem retrato meu na internet qualquer dia mostra diz-que deposita na caderneta de poupança a paga do trabalho diz-que a mãozona estropia meu ombro quisesse poderia esfarelar minha cabeça aponta gringo aos amigos: a miséria porém ficar preso ninguém gosta noite dessas se conseguir pôr o pé no parapeito da janela do andar de baixo pulo na marquise já calculei estou pensando (RUFFATO, 2013, p. 56-57).

Como este menino foi parar nesta prisão que, comparado ao que vivia nas ruas da cidade, era como se um **“Paraíso”**? A quantidade de perguntas é uma infinidade quando se trata de temas tão sérios, ultrajantes e revoltantes, e ao mesmo tempo, corriqueiros na realidade brasileira. Um menino explorado físico e psicologicamente, mais um entre tantos, e ninguém faz nada, e ninguém sabe, e ninguém vê.

De acordo com Mello (2010, p. 131-132), as crianças e jovens no Brasil são exploradas desde os tempos coloniais (prática legal entre as crianças escravas). Hoje ainda temos o trabalho infantil no Brasil, embora ilegal, tendo dados relacionados ao desrespeito a direitos trabalhistas e submissão a trabalho escravo por volta de 65 mil jovens segundo pesquisa do IBGE.

Essa discussão vai além, pois vemos esses números alarmantes já datando do final do século passado, onde tivemos o grande aumento de organizações de defesa dos direitos humanos. A reflexão que se faz, então, é a seguinte: esses grupos salientam os problemas de igualdade de justiça nas políticas públicas, discussões no sentido de punições drásticas, mas não efetivamente na exigência da aplicação das leis, o que fica ainda mais sério quando temos na legislação brasileira, avanços significativos como o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente (MELLO, 2010, p. 132). Isso lembra bem o que diz Gilberto Dimenstein com seu livro “O Cidadão de Papel”, de que a cidadania está garantida nos papéis, mas não existe de verdade.

E novamente vemos aqui como base da exclusão social, o pilar da Educação e posteriormente do Trabalho desestruturados, sendo sua gênese. E onde fica a noção de futuro, como estão os adultos da sociedade moderna reflexo dessa desestruturação contínua?

Dizem que na Itália os homens não podem ver uma mulher sozinha que logo vêm, gentis, ver se a gente está precisando de alguma coisa, se podem ajudar, cavalheiros, [...] querem é cuidar da mulher, porque sabem que mulher precisa disso, de atenção. Claro que nunca estive na Itália, que é um país longe, na Europa, quem me explicou isso tudo foi um senhor com quem saí uma vez, ele me escolheu num book [...] então pediu pro segurança acionar um táxi, enfiou umas notas na minha mão meio constrangido, nem contei, embora depois eu tenha visto que era exatamente o que havíamos combinado, ele abriu a porta do carro, me colocou pra dentro, como uma dama, [...] se eu não fizer o que eles mandam vão me encher de porrada, já estão doidos, cheiraram cocaína e beberam uísque, o sacana me deu um tapa na cara, cortou meu lábio, agora não vai ter mais jeito, vão me currar, e sempre que acontece uma coisa ruim assim eu lembro daquele dia, o Shopping Iguatemi, o bufê em Moema, aquele restaurante na Oscar Freire, onde provavelmente esses putos nunca entraram, nunca entraram nem nunca vão entrar, nunca vão entrar...(RUFFATO, 2013, p. 105-106).

Mais uma vez Ruffato (2013) tem aqui, no fragmento “**Malabares**”, a sensibilidade de relatar um fato do cotidiano de forma minuciosa e dando voz a uma excluída e marginalizada das relações sociais.

Na leitura integral do excerto, ainda vemos uma passagem em que o “bom senhor” lhe dá um nome, e a apresenta como “Patrícia”, sem ser esse seu nome verdadeiro,

e também por não fazer a menor diferença qual seria ele, o que causa estranheza na personagem. E tanto no fragmento acima que descreve uma prostituta, como no anterior, em que temos um garoto de programa (ambos tendo iniciado nessa vida enquanto ainda crianças conforme evidencia os respectivos fragmentos), fica difícil de separar o que são transações comerciais e o que são partes dos indivíduos, seus sentimentos, sua vida.

Adentra-se então em mais um dos espetáculos representado pela sociedade moderna, que em uma trajetória que perpassa pelos conceitos de indivíduos, individualização, a fragmentação das relações e o fenômeno da exclusão social, surge então a **Sociedade do Descarte** tão bem representada pelos contos citados “Paraíso” e “Malabares”, denotando muito bem de forma metafórica o que é viver num paraíso e ter que “se virar” dia a dia equilibrando malabares para sobreviver.

A exclusão contemporânea é diferente das formas existentes anteriormente de discriminação ou mesmo de segregação, uma vez que tende a criar, internacionalmente, indivíduos inteiramente desnecessários ao universo produtivo, para os quais parece não haver mais possibilidades de inserção. Poder-se-ia dizer que os novos excluídos são seres descartáveis. *“Os desdobramentos dessa exclusão atingem a quase totalidade da vida social, visíveis na gestão do território, nas formas de difusão culturais e nos problemas educacionais”*. (FONTES, 1995, p. 29 apud WANDERLEY, 2010, p. 25).

Esta citação representa muito bem como estão às discussões em torno da exclusão e quanto aos indivíduos sem valor para o mercado (e porque não dizer valor de mercado), que são considerados descartáveis e “apagados” da estrutura social.

De acordo com Mello (2010, p. 133), em uma cidade como São Paulo, as coisas fogem ao controle, bem como os limites de espaço. Há uma perda da visão geral, da inteligibilidade do conjunto. Ela diz ainda que “Na verdade, a metrópole não é apenas um enorme e disforme aglomerado físico, mas é imensa também na quantidade e variedade de sua experiência simbólica”. Desse modo seus habitantes não conseguem vê-la, pois ela não permite, para isso, precisamos aumentar nossos sentidos e entendimento. E nesse ponto contata-se que há a necessidade de

mediadores que sejam instrumentos de ampliação e compreensão, que têm a função não de microscópios, mas de telescópios: a televisão, o rádio e o jornal.

Chegando a essa linha de raciocínio, vemos mais claramente como o autor-narrador, Luiz Ruffato, por ser jornalista, tem seu papel ainda mais significativo ao tratar dos assuntos da complexa cidade de São Paulo, símbolo para debater a sociedade atual e suas relações de um modo geral, já que, parte de uma visão telescópica atribuída por sua profissão, para nos levar a um olhar microscópico, onde as realidades mais abrangentes têm suas gêneses.

Temos uma ação das mídias colaborando de forma efetiva num fenômeno que muito se discute dentro desta temática sobre exclusão social e as relações cidadinas da sociedade da atualidade, a naturalização das desigualdades por meio dos veículos de comunicação, isso quer dizer, os efeitos negativos que as mídias cristalizam pelo modo como tornam naturais práticas de desigualdades e violência.

Mary Jane Spink e Peter Spink trazem uma grande contribuição para essa reflexão, são organizadores do livro de título “As práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais”, onde debatem com base em pesquisas realizadas com os jornais de diversas cidades do Brasil, como as desigualdades vão muito além das políticas públicas ou dos governos. Que ainda temos uma culpa coletiva ao enraizar práticas desiguais em nosso dia a dia que são consolidadas e reproduzidas. “A desigualdade é sustentada no cotidiano pelas ações de todos ao impor, ao aceitar ou a considerar que algo é normal”.

Partindo do pressuposto de que a compreensão da naturalização das desigualdades é a chave para qualquer projeto que busca intervir na construção de uma sociedade mais justa e que a naturalização é um processo tristemente corriqueiro, decidiu-se focalizar suas dimensões psicossociais a partir dos eventos, acontecimentos e comentários presentes nos jornais diários. Não se pretendia, com esta proposta, sugerir que os jornais são responsáveis pela naturalização das desigualdades, mas reconhecer que eles fazem parte das múltiplas práticas do cotidiano e, portanto, oferecem pistas para a reflexão sobre a naturalização das desigualdades sociais. (SPINK, 2006, p. 11).

E vemos muito bem como todas essas práticas tão naturais nos rodeiam todos os dias, quando paramos para analisar em nas rotinas diárias quantas vezes passamos por cima de situações e fatos que deveriam causar revolta no mínimo, e que por serem tão “comuns” passam despercebidas, ou ainda, causam aborrecimento como ter que andar mais rápido pra não ser abordado por um mendigo ou por uma criança vendendo doces, ou mesmo por ter o trabalho de fechar o vidro do carro por medo ou simplesmente pra não ser incomodado.

O vermelho do farol, observa-o pousando no vidro da janela do carro emparelhado. Assediada, a mulher agarra-se pânica ao volante, entrincheirada: uma velha se oferece buquê de rosas encarnadas; um rapaz martela o pregão de uma caixa de ferramentas; outro embala panos-de-prato, “bordados à mão”; um sujeito sua, nos ombros desfilando uma caixa de copos de água mineral; outro, ensonado bebê ao colo, exige esmolas; rodinho e balde em garras subnutridas disputam para-brisas; adolescentes coxas sorridentes impigem propagandas de imóveis. (RUFFATO, 2013, p. 54).

Nesta pluralidade descrita em um pequeno trecho, vê-se de forma magistral a cidade de São Paulo, e podem-se analisar todas as questões trabalhadas até o momento. As pessoas no farol, umas paradas com seus carros apenas esperando o farol abrir, outras, oriundas de uma educação falida e sem condições de colocação decente no mercado de trabalho, lutam nos curtos intervalos do semáforo fechado por sua subsistência. A desigualdade se apresentando de forma nua e crua, e da maneira mais natural e corriqueira possível.

E quem são as personagens desse cenário? De um lado, podemos ter empresários, autônomos, pessoas de classe média que mesmo tendo dificuldades, têm seu meio de transporte particular e suas histórias podem ser conhecidas, de outro lado, temos os indigentes de cada dia, os vagabundos pedintes, os “burros” que não estudaram, e escondidos entre eles os marginais trombadinhas, esses sem jeito mesmo.

E têm-se lado a lado duas faces de uma mesma moeda, ou seja, convivendo num mesmo ambiente, classes mais abastadas e a pobreza. Wlodarski (2005) relata como a pobreza no Brasil deve ser entendida. O Brasil não é um país pobre, ao contrário, não é a falta de recursos o problema, mas a má distribuição deles,

fazendo do Brasil um país rico, mas com maiores das taxas de desigualdade no mundo.

Ou seja, foram criadas riqueza e renda suficientes para produzir alterações significativas nas condições de vida da grande massa da população brasileira que é carente de tudo. No entanto, a riqueza existente, a produzida e a renda criada sempre foram apropriadas concentradamente por minorias que sofrem de um estado crônico de “ganância infecciosa” (GARCIA, 2003, p. 10 apud WLODARSKI, 2005).

Wlodarski (2005), ainda continua dizendo que, de forma contraditória, existe uma busca por amenizar as desigualdades e sua pobreza consequente, culpando os indivíduos que se encontram nessa situação. A sociedade capitalista deu ao sujeito que se encontra nesta situação títulos como, “vagabundo”, “analfabeto”, “desqualificado”... “O que permite culpar uma única pessoa por um problema que é criado pela sociedade e que cabe a esta resolver”.

Este pensamento vai bem à consonância para a forma como se dirigem as relações da sociedade pelo prisma da capital paulista, o julgamento é feito e coloca-se a vítima na cadeira de réu já declarado culpado.

Aquela mulher que se arrasta espantilha por ruavenidas do morumbi ignorando ao relento se ratos ou baratas ignorando se chuva ou sol escorrem pela guia ignorando sapatos tênis havaianas polícia ignorando aquela mulher se arrasta espantilha por ruavenidas do morumbi não era assim

não

não era (RUFFATO, 2013, p. 62-63).

Como culpar alguém que em um dia está levando sua vida apertada, mas de com o máximo de dignidade que possível, e por um acaso se torna vítima de uma das várias formas de violência da cidade grade e simplesmente, desaparece. Vira “**Aquela mulher**”, sem rosto e sem identidade, ignorando e sendo ignorada, como um fantasma, invisível.

5.1 O grito dos excluídos

“[...] e tudo terá sido em vão são paulo inteira decadência e todos a abandonarão e uma cidade-fantasma como as dos filmes de faroeste preto e branco que trazia da videolocadora [...]”. Com este trecho do fragmento **“Tudo acaba”**, que Ruffato (2013, p.64), traz logo após da descrição daquela mulher por “ruavenidas do morumbi”, tem-se uma possível conseqüência para toda arbitrariedade e descaso com que estão envoltos tantas personagens de São Paulo como as dos seguintes contos representados: o menino de **“De cor”**, as crianças e a professora de **“Natureza morta”**, os desempregados de **“Trabalho”** e **“Fraldas”**, o menino de programa de **“Paraíso”**, a prostituta de **“Malabares”**, **“Aquela mulher”**, e tantas outras personagens exemplificadas neste romance, separadas e unidas como uma massa disforme, uma tropa de cavalos.

Mello (2010, p. 134), diz que “A multidão é a imagem palpável da massa”, os indivíduos podem desaparecer em seu interior, podem se aproveitar para praticar atividades criminosas por servir de esconderijo. O anonimato a que muitos conceituam como forma de liberdade individual, tanto pode ser benéfico como não, e que “nas formas cambiantes da multidão, os contactos são breves e superficiais, cada pessoa é sua máscara momentânea”.

Toda essa diversidade de relações fragmentadas e simultaneamente ligadas entre si fazem o todo da cidade e da sociedade moderna, onde temos uma pluralidade de personagens e suas diferentes histórias entrelaçadas.

Insisto no aspecto visível da desigualdade porque essa face da vida paulistana é parte do modo de perceber do homem urbano. A consciência das diferenças, embutida no cotidiano de nossa experiência da cidade, marca profundamente a subjetividade. Dependendo do lugar social de onde é visto, o teatro e a condução permitem, pelo menos, duas leituras diferentes: a dos filhos da luz e a dos filhos da sombra. O que poderá aproximá-las? Há uma troca constante de olhares, mas a reciprocidade deles está carregada de significados diferentes. (MELLO, 2010, p. 135).

Nessa citação temos muito bem explanada a realidade paulistana. Temos inúmeras representações possíveis para exemplificar como as diferenças se “acotovelam” nos mesmos caminhos. Nas mesmas avenidas de bairros chiques disputam lugar os carros mais luxuosos levando uma pessoa muitas vezes, com os coletivos abarrotados do dia a dia do transporte público ineficiente. Nas calçadas dos mais importantes teatros as celebridades mais importantes dividem o ambiente com o carroceiro que vende pipoca, os “flanelinhas” e os pedintes. Não é de se admirar que haja troca de olhares “recíprocos” com significados “diferentes” entre os “filhos da luz” e os “filhos da sombra”.

A desigualdade social, econômica e política na sociedade brasileira chegou a tal grau que se torna incompatível com a democratização da sociedade. Por decorrência, tem se falado na existência da apartação social. No Brasil a discriminação é econômica, cultural e política, além de étnica. Este processo deve ser entendido como exclusão, isto é, uma impossibilidade de poder partilhar o que leva à vivência da privação, da recusa, do abandono e da expulsão inclusive, com violência, de um conjunto significativo da população, por isso, uma exclusão social e não pessoal. Não se trata de um processo individual, embora atinja pessoas, mas de uma lógica que está presente nas várias formas de relações econômicas, sociais, culturais e políticas da sociedade brasileira. Esta situação de privação coletiva é que se está entendendo por exclusão social. Ela inclui pobreza, discriminação, subalternidade, não equidade, não acessibilidade, não representação pública. (SPOSATTI, 1996, apud WANDERLEY, 2010, p. 21).

Este trecho foi tirado de uma pesquisa feita sobre a exclusão na cidade de São Paulo e reforça o caráter da estrutura desse fenômeno. Quando se fala de apartação social, segundo proposta por Cristóvão Buarque, trata-se de um processo em que o outro é colocado “à parte”, (apartar também é um termo que se utiliza para separar o gado), ou seja, a separação do outro não apenas como desigual, mas como “não semelhante”, “[...] um ser expulso não somente dos meios de consumo, dos bens, serviços, etc., mas do gênero humano. É uma forma contundente de intolerância social”. (NASCIMENTO, 1995, p. 25 apud WANDERLEY, 2010, p. 23).

Toda esta explanação leva a reconsideração de conceitos há muito internalizado, e a mais perguntas, como o porquê de tamanha disparidade? E ainda, como levar luz

aos indivíduos que se encontram invisíveis nas massas sombrias da sociedade capitalista?

Ruffato (2013) deu um grande passo na tentativa de dar voz a tantos seres invisíveis de nossa sociedade, que têm seus gritos abafados, inaudíveis e ignorados. E fica a pergunta central dentre tantas que emanaram nas reflexões deste ensaio: O que pode ser feito para transformar a realidade da desigualdade social no Brasil?

Wlodarski (2005) apresenta possíveis saídas para esta problemática:

Através desta reflexão, fica possível perceber que a desigualdade social e como consequência desta, a pobreza, refletem as ações direcionadas e determinadas pelas formas de pensar e planejar nossa sociedade. Onde mesmo existindo pensamentos e concepções de mundo, que variam de acordo com cada indivíduo, em cada momento histórico, ainda permanece o “pensar”, “planejar”, dominante de comportamentos e atitudes de parte da sociedade que detêm o poder. Neste sentido, não basta avançarmos apenas em instrumentos ditos democráticos, deve-se colocá-los como possibilidade de acesso a grande parte da população, não apenas como instrumentos que servem para mascarar as ações do capital, mas que voltem para as reais necessidades da maioria dos homens, compreendidos como seres capazes de traçar sua história, através daquilo que acreditam.

Propostas como esta, em que a democratização, ou a equidade, com relação ao acesso da população, em sua totalidade, pelas áreas sociais básicas como educação, trabalho decente e, por conseguinte, saúde, habitação, segurança, cultura e lazer, para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Luiz Ruffato, *“Eles eram muitos cavalos”*, tomada como base para o desenvolvimento deste trabalho, faz o leitor ter um “leque” de opções com relação às diferentes temáticas que se sobrepõe ao se retratar a realidade da cidade de São Paulo. A obra chama a atenção para o fato do autor-narrador ter feito seu recorte com a temporalidade encerrada em apenas um dia para análise, e chega-se a conclusão que, mesmo que tivesse sido uma hora, a infinidade de histórias seria tão substancial quanto foi.

A cidade de São Paulo, centro financeiro e corporativo da América do Sul, a mais populosa de todo o Hemisfério Sul, e que leva em seu brasão oficial a inscrição em latim *“Non ducor, duco”* que significa, *“Não sou conduzido, conduzo”*, também conhecida como: “Sampa”, “Paulicéia”, “Nova York dos trópicos” e “Terra da Garoa” carrega uma pluralidade infinita de sabores, culturas, etnias, migrantes, imigrantes, artes enfim, São Paulo é um universo em si.

Analisar essa metrópole não é tarefa fácil, e Ruffato conseguiu de forma brilhante, esmiuçar cada realidade o mais minucioso e com a sensibilidade que cada retrato exigia. Com isso, o ganho em termos literários, foi enorme, pois, através da leitura de seu romance, pode-se transitar por toda a cidade em locais aonde nenhuma condução chega.

Sua narrativa teve como destino dar voz a quem não é considerado, a quem é apartado da sociedade, a classe operária e os destituídos da condição de indivíduos por não estarem inseridos no ciclo de geração de riquezas, segundo Locke, que diz que não importam as paixões e desejos, o que importa é o interesse, o valor de troca, e que a transformação que o ser humano pode fazer do ambiente em que vive tem que ser à partir do Trabalho, no qual este deposita a energia necessária para a transformação da sua realidade.

Passado pelos conceitos de indivíduo, individualidade e individualização, e algumas características dos indivíduos da obra, a individualização moderna foi particularizada para demonstrar como torna as relações afetivas e sociais fragmentadas.

Como as relações interpessoais desde os laços familiares, foram desvirtuadas pela sociedade ocidental moderna, o que se estende para o coletivo, em interações fragmentadas e desumanizadas, segundo Bauman, é urgente se buscar uma humanidade comum para que seja novamente possível unir projetos individuais e ações coletivas, e para que se possa ter a consciência da angústia do eterno recomeçar.

A reflexão continua com a tentativa de encontrar conceitos que traduzam o que é exclusão social e possíveis causas para sua origem demarcadas através da Educação e da colocação digna no mercado de trabalho, o que se sabe, pelos altos índices de desemprego, são áreas totalmente desestruturadas.

E esse indivíduo excluído da sociedade, mesmo não fazendo parte efetivamente como força motora trabalhadora formal, é usado como moeda de troca, seja pela indústria do sexo, ou segregado inteiramente para as sombras da pobreza, situações que são retratadas e concebidas como naturais, levando a uma desumanização nas relações de forma forte e enraizada.

No cotidiano da cidade de São Paulo temos todas as personagens retratadas aqui como parte integrante do cenário, já não se nota que algo está errado, que as disparidades da desigualdade estão aumentando e se disseminando. É normal nas ruas de um bairro rico como o Morumbi, termos uma mulher fantasmagórica perambulando, como também é natural um professor, mesmo depois de tantos anos de estudo, não conseguir sustentar sua família. Ou ainda um fulano qualquer desempregado, “virar a cabeça” e assaltar seja por qual motivo for, afinal, malandro tem uma ótima lábia, a história não interessa, é só mais um como nos jornais de todos os dias. Como mudar essa realidade? Quais as medidas efetivas a se tomar?

Muito se fala sobre políticas públicas e do Governo atuando de forma efetiva para iniciar minimizando os problemas e as formas de desigualdades. Isso com certeza é um caminho ao se trabalhar com frentes que reduzam os obstáculos ao acesso à Educação, Trabalho e todas as necessidades a que um indivíduo tem direito para viver e não tão somente sobreviver. Mas a comunidade, de um modo geral, tem que se conscientizar para que haja uma desnaturalização das desigualdades, tanto por parte da sociedade como das mídias, aproximando assim as pessoas para que possam se enxergar e se relacionarem de forma mais humanizada.

REFERÊNCIAS

Artigo de revista

CAVALCANTE, Thayene Gomes Cavalcante Thayene Gomes. Individualismo e Cultura: uma abordagem de algumas perspectivas de estudo na antropologia do mundo contemporâneo. Caos: **REVISTA ELETRÔNICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**, Paraiba, v. 2, n. 7, p.41-54, set. 2004. Semestral. ISSN 1517-6916. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/tayanegomes.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2015.

DAMASCENO, Elenildo Saldanha. A representação da cidade no romance Eles eram muitos cavalos. **Nau Literária: crítica e teoria de literaturas**, Porto Alegre, v. 1, n. 8, p.01-24, jun. 2012. Semestral. ISSN 1981-4526. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/26777/22145>>. Acesso em: 24 out. 2015.

DAYRELL, João Guilherme. ELES ERAM MUITOS CAVALOS, DE LUIZ RUFFATO: LEITURAS DA CONTEMPORANEIDADE. **Revlet: Revista Virtual de Letras**, Goiás, v. 02, n. 02, p.281-298, fev. 2010. Semestral. ISSN: 2176-9125. Disponível em: <<http://www.revlet.com.br/artigos/67.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

LEVY, Tatiana Salem. O silêncio da representação: uma leitura de Eles eram muitos cavalos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, v. 22, n. 2, p.173-184, Não é um mês válido! 2003. ISSN 2316-4018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/76235/000892301.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 out. 2015.

KONZEN, Paulo Cezar. SÃO PAULO-SAMPA-SP: AS MÚLTIPLAS FACES DA METRÓPOLE. **Revista Línguas & Letras**, Paraná, v. 14, n. 26, p.1-15, 2013. Quadrimestral. E-ISSN: 1981-4755. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/search/results>>. Acesso em: 17 set. 2015.

SILVA, Nádia Regina Barbosa da. Literatura e a cidade: a São Paulo de Luiz Ruffato. Terra Roxa e Outras Terras: **Revista de Estudos Literários**, Londrina, v. 12, n. 5, p.66-78, jun. 2008. Semestral. ISSN 1678-2054. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/index.php?option=com_content&task=view&id=27&Itemid=45>. Acesso em: 01 nov. 2015.

SILVA, Maurício; LIBRELON, Talita. ELES ERAM MUITOS CAVALOS: MARCAS DA PÓS-MODERNIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.

Revista: ContraPonto, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p.252-262, dez. 2012. Semestral. ISSN 2237-9940. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/contraponto/index>>. Acesso em: 23 out. 2015.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Anonimato e resistência em eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato. **O Eixo e A Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p.27-41, jun. 2007. Semestral. ISSN 2358-9787 (eletrônica). Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3260>. Acesso em: 25 set. 2015.

Documentos publicados em eventos

CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM LITERATURA, 3., 2010, São Paulo. Anais...São Paulo: Unesp, 2010. 161 p. Disponível em:

<<http://editorahn.grupohn.com.br/wp-content/uploads/sites/16/2013/01/SEL-2010.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2015.

WLODARSKI, Regiane; CUNHA, Luiz Alexandre. Desigualdade social e pobreza como consequências do desenvolvimento da sociedade. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSO CIVILIZADOR TECNOLOGIA E CIVILIZAÇÃO, 9., 2005, Paraná. **Artigos...** Ponta Grossa: UEPG, 2005. p. 1-10. Disponível em:

<http://www.pg.utfpr.edu.br/ppgep/Ebook/cd_Simposio/artigos/workshop/art15.pdf>. Acesso em: 30 set. 2015.

Homepage

BIBLIA. **Salmo 82**. 2015. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/82>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

BIBLIA. **Salmo 38**. 2015. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/sl/82>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

DONNE, John. **Meditações XVII**. 1624. Elaborado por SuziFranklSperber. Disponível em:

<http://www.singularsantoandre.com.br/portal/emd/ar/professores/joacir/Aula_soc_1.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2015.

<http://dicionariodoaurelio.com>

Livros

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e historias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 313 p. Tradução: José Gradel

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. Trad. Carlos Alberto Medeiros

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. Trad. Plínio Dentzien

_____. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Trad. Carlos Alberto Medeiros.

_____. **O mal-estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

DUMMONT, Louis. 1985. **O individualismo**: O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco.

ELIAS, Norbert. **A SOCIEDADE DOS INDIVÍDUOS**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 201 p. Tradução: Vera Ribeiro.

GEREMEK, Bronislaw. **Os filhos de Caim**: vagabundos e miseráveis na literatura europeia 1400-1700. Tradução do polonês: Henryk Siewierski. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 372 p.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

MEIRELES, Cecília. **Romanceiro da inconfidência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

RUFFATO, Luiz. **Eles eram muitos cavalos**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 131 p.

POCHMANN, Marcio et al. (Org.). **Atlas da exclusão social, volume 5: agenda não liberal da inclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2005. 162 p.

SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. 159 p.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio G. (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Guanabara, 4a.ed., 1987.

SIMMEL, Georg. **“O indivíduo e a liberdade”**. In: Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. Simmel e a Modernidade. Brasília, Editora da UNB, 1998, pp. 109 a 117.

SIMMEL, Georg. **“O dinheiro na cultura moderna”**. In: Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. Simmel e a Modernidade. Brasília, Editora da UNB, 1998, pp. 23 a 40.

SPINK, Mary Jane; SPINK, Peter (Org.). **Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais**. São Paulo: Cortez, 2006. 213 p.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Dissertação

DEBORTOLI, Solange Fernandes Barrozo. **A (des)construção narrativa como forma de representação da sociedade do espetáculo em Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões, Erechim, 2011. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/23.pdf>> Acesso em: 08 out. 2015.

FERREIRA, Terezinha Perini. **Caótica Unidade: a narrativa de Luiz Ruffato em Eles eram muito cavalos**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.cbc.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1441/1/Terezinha%20Perini%20Ferreira.pdf>> Acesso em: 08 out. 2015.

GAZOLA, Paula Regina Filgueiras; SILVA, Maria Andreia de Paula. **Um flaneur contemporâneo: a degradada paisagem humana em eles eram muitos cavalos**. 2014. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <www.cesjf.br/index.php/mestrado-em-letras-dissertacoes/2014/347/file>. Acesso em: 08 out. 2015.

SANDRINI, Paulo Henrique da Cruz. **Que romance é este?: Uma análise estético-sociológica de Eles eram muitos cavalos, de Luiz Ruffato**. 2007. 205 f. Tese (Mestre) - Curso de Letras — Estudos Literários, Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <[http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/20470/Que romance e este - mestrado Paulo Sandrini.pdf?sequence=1](http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/20470/Que%20romance%20e%20este%20-%20mestrado%20Paulo%20Sandrini.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 08 out. 2015.

Partitura

BUARQUE, Chico. **Roda Viva**. 1967. São Paulo: Super Partituras, 2014. 1 partitura. Piano.